

ISABEL CRISTINA ZURRAPA DA SILVA FRADE

**A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DESPORTIVA
EXTRACURRICULAR NOS RESULTADOS
ESCOLARES**

Professor orientador: Professor Doutor João Alberto Mendes Leal

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Educação Física e Desporto**

Portimão

2012

ISABEL CRISTINA ZURRAPA DA SILVA FRADE

**A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DESPORTIVA EXTRACURRICULAR NOS
RESULTADOS ESCOLARES**

**Seminário/Relatório de Estágio com vista
a obtenção do grau de Mestre em ensino
da Educação Física nos ensinos Básicos e
Secundário, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Professor orientador: Professor Doutor
João Alberto Mendes Leal**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Educação Física e Desporto**

Portimão

2012

DEDICATÓRIA:

À minha mãe e ao meu pai (Ana e Álvaro Frade) pelo exemplo que me deram.

Ao meu filho André pelo exemplo que lhe deixo.

AGRADECIMENTOS:

Ao Professor Doutor João Leal, orientador deste trabalho, pelo apoio prestado ao longo de todo este processo, através dos seus ensinamentos e conselhos, pela compreensão demonstrada, bem como toda a disponibilidade manifestada.

Às amigas pela amizade, cúmplice e ânimo constante.

Às irmãs pela ajuda, colaboração e disponibilidade.

Aos alunos e Direção da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes que participaram neste trabalho.

Ao Tozé e ao André pelo tempo que lhes “roubei”.

A todos o meu agradecimento!

Resumo:

Este estudo pretendeu analisar as relações entre o rendimento escolar e a prática de atividades desportivas extracurriculares dos alunos de uma escola secundária da região do Algarve. Procurou-se também averiguar as associações destas variáveis em relação ao género, tipo de curso frequentado e o grau académico dos pais. A amostra contemplou 340 alunos dos dois géneros, do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade. O instrumento utilizado foi um questionário adaptado (Marques, 2010). O tratamento estatístico incluiu uma análise descritiva e uma análise inferencial, de forma a se poderem encontrar associações significativas entre as variáveis em estudo e a poder explicar a natureza dessas relações. Os resultados apontaram para a inexistência de diferenças significativas entre os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares e os que não as praticam ao nível do seu rendimento escolar. Foram também analisadas outras variáveis tais como o tempo dedicado ao estudo, o grau académico dos pais e o tipo de curso frequentado.

Palavras-chave: rendimento escolar e atividades desportivas extracurriculares.

Abstract:

This study has had the purpose of analyzing the relationship between school performance and practice of extracurricular sports activities among students at a secondary school in the Algarve region. The associations of these variables in relation to gender, area of study attended and the academic degree of their parents have also been examined. The sample has included 340 students of both genders attending 10th, 11th and 12th grades. The instrument used was a questionnaire (Marques, 2010). The statistical analysis has included descriptive and inferential analysis in order to find significant associations between the variables under study and aims to explain the nature of these relationships. The results have shown the lack of significant differences between students who practice extracurricular sports activities and those who do not practice them at the level of academic performance. Accordingly, other variables such as time devoted to study, academic degree of parents and area of study attended have also been analyzed.

Keywords: academic performance and extracurricular sports activities

Abreviaturas:

ADECS- Atividades desportivas extracurriculares

CMP- Câmara Municipal de Portimão

DE- Desporto Escolar

ESMTG- Escola secundária Manuel Teixeira Gomes

N - Número de sujeitos da amostra

Nf- Número de sujeitos da amostra do género feminino

Nm- Número de sujeitos da amostra do género masculino

Sd- desvio-padrão

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

X2 - Qui-Quadrado

ÍNDICE:

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1-Definição de rendimento escolar.....	17
1.2-Definição de atividades desportivas extracurriculares	18
1.3-Prática de atividades desportivas e resultados escolares	19
1.4-Diferença de género nos resultados escolares.....	23
1.5-Diferença de género na prática desportiva.....	24
1.6-Influência do grau académico dos pais na prática desportiva e no rendimento escolar dos filhos.....	26
2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	29
2.1- Apresentação do problema.....	30
2.2- Objetivos.....	30
2.3-Hipóteses.....	31
3. MÉTODO	36
3.1-Amostra	37
3.2-Variáveis	40
3.3-Instrumentos.....	41
3.4-Procedimentos.....	42
3.4.1-Operacionais	42
3.4.2-Estatísticos.....	42
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
4.1- Descrição Global da Amostra	45
4.1.1-Prática desportiva extracurricular	45
4.1.2- Tempo de treino das atividades desportivas extracurriculares (clube ou DE)	48
4.1.3. Tempo e local de estudo	50

4.1.4. Tipo de curso	52
4.1.5. Resultados escolares.....	52
4.1.6. Grau académico dos pais	53
4.2.- ANÁLISE CORRELACIONAL	55
4.2.1.-Rendimento escolar.....	55
4.2.2.-Tempo de treino semanal ou diário.....	57
4.3. – ANÁLISE INFERENCIAL.....	58
4.3.1- Resultados escolares	58
4.3.2-Tipo de curso	61
4.3.3-Tempo de estudo.....	62
4.3.4- Tempo de treino diário e semanal.....	63
4.3.5- Grau académico dos pais.....	64
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	66
CONCLUSÕES	75
LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	78
BIBLIOGRAFIA	81
APÊNDICES	i
APÊNDICE I- Questionário aos alunos	ii
APÊNDICE II- Autorização da Direção da escola para aplicação do questionário.....	vii
APÊNDICE III- Autorização aos encarregados de educação.....	ix
ANEXOS.....	xi
ANEXO I-Quadro das correlações dos alunos com ADECS	xii
ANEXO II-Quadro das correlações dos alunos sem ADECS	xv

ÍNDICE DE FIGURAS:

Figura I - Distribuição da amostra total pelo local de residência	39
Figura II - Distribuição da amostra total pelo grau académico dos pais	39
Figura III - Distribuição dos indivíduos com ADECS por género e ano de escolaridade	46
Figura IV – Distribuição dos indivíduos por modalidade	47
Figura V – Distribuição do tempo médio de estudo dos alunos	51
Figura VI – Distribuição do tempo médio de estudo por género	51
Figura VII – Distribuição do grau académico dos pais dos alunos com ADECS	54
Figura VIII – Distribuição do grau académico dos pais dos alunos sem ADECS	54

ÍNDICE DE TABELAS:

Tabela 1 - Caracterização da amostra pelo género e ano de escolaridade	37
Tabela 2 - Caracterização da amostra com e sem ADECS pelo tipo de curso	38
Tabela 3 - Frequência da prática desportiva extracurricular	48
Tabela 4 – tempo semanal de treino	49
Tabela 5 - Tempo diário de treino	49
Tabela 6 - Tempo diário de estudo	50
Tabela 7 – Tempo semanal dedicado aos estudos	50
Tabela 8 – Distribuição do género pelo tipo de curso dos alunos com ADECS	52
Tabela 9 – Resultados escolares da amostra total, com ADECS e sem ADECS	53
Tabela 10 – Rendimento escolar, ano de escolaridade e tempo de estudo semanal dos alunos com ADECS	56
Tabela 11 – Rendimento escolar, ano de escolaridade e tempo de estudo semanal dos alunos sem ADECS	56
Tabela 12 - Grau académico dos pais e resultados escolares dos alunos sem ADECS	57
Tabela 13 - Grau académico dos pais e resultados escolares dos alunos com ADECS	57
Tabela 14 - Resultados escolares dos alunos com e sem ADECS	58
Tabela 15 – Resultados escolares dos alunos federados e não federados	58
Tabela 16 - Resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos com ADECS	59
Tabela 17 – Análise inferencial dos resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos com ADECS	59
Tabela 18 - Resultados escolares dos alunos sem ADECS	60
Tabela 19 - Análise inferencial dos resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos sem ADECS	60
Tabela 20 – Resultados escolares por género	61
Tabela 21 – ADECS e tipo de curso	61
Tabela 22 - Tipo de curso e género dos alunos com ADECS	62
Tabela 23 - Tempo de estudo diário e semanal dos alunos com e sem ADECS	62
Tabela 24 – Tempo de estudo diário e semanal dos alunos com ADECS federados e não federados	63

Tabela 25 - Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS e género.....	63
Tabela 26 – Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS por ano de escolaridade	63
Tabela 27 - Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS federados e não federados	64
Tabela 28 – Grau académico dos pais dos alunos com e sem ADECS	64
Tabela 29 – Grau académico dos pais dos alunos federados e não federados	65

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Estudar a participação dos alunos, que frequentam o ensino secundário em atividades extracurriculares, e o respetivo rendimento académico é fulcral e muito importante, não só para que as escolas disponham de diretrizes que lhes permitam utilizar melhor os seus recursos, mas também para que os diversos agentes educativos possam ajudar os estudantes a gerir de forma mais adequada o seu tempo livre.

É muito importante esclarecer claramente acerca das atividades desportivas realizadas fora do horário escolar e a sua possível influência no rendimento escolar dos jovens que as frequentam, pois só assim podemos prevenir e combater o abandono dessas atividades durante a adolescência e o ensino secundário.

Os estudos e as atividades desportivas complementam-se e potenciam-se reciprocamente no processo de formação dos jovens. As sociedades dos dias de hoje, não podem ignorar que as atividades desportivas são, cada vez mais, um fator cultural indispensável para a formação integral da pessoa humana (Zenha, Gomes & Resende, 2009).

A escola pode desempenhar um papel relevante na consciencialização dos seus alunos para os benefícios decorrentes da prática desportiva, implementando programas desportivos extracurriculares que despertem o interesse pelo desporto e afastem os jovens de determinados perigos da sociedade. Por sua vez, a prática de exercício físico na escola, nomeadamente no que diz respeito a atividades extracurriculares, como é o caso do desporto escolar, pode envolver os alunos, ajudá-los a identificarem-se mais com a comunidade educativa e, deste modo, levá-los também a obterem resultados académicos mais elevados (Sobral, 1996).

Certos grupos sociais influenciam diretamente o êxito dos alunos, nomeadamente a família na figura dos pais (Nóbrega, 2010). Os pais dos atletas que estão inseridos em processos de treino desportivo manifestam muitas vezes alguma resistência relativamente à continuidade dos mesmos durante a fase da adolescência. A crescente preocupação dos pais para que os filhos consigam rendimentos escolares que permitam a integração no ensino superior, de preferência numa universidade pública conceituada e no curso ambicionado, origina por vezes situações de restrição à prática desportiva, que se revelam sobretudo em faltas sistemáticas aos treinos, ou mesmo, em casos mais extremos, ao abandono da sua prática.

Nesta sequência, propomos a realização deste estudo por compreendermos que esta problemática é uma preocupação dos jovens, dos seus pais e encarregados de educação. Preocupação, porque o ensino secundário é uma etapa muito marcante na vida futura dos alunos. O desejo de obter os melhores resultados escolares possíveis que resultem numa classificação final do ensino secundário mais valorizada, é um fator muito importante na oportunidade de entrada nas universidades e que pode influenciar bastante o percurso de vida futura.

A conciliação e a organização das várias atividades do quotidiano com as atividades desportivas e os estudos torna-se um desafio para o estudante que possui diferentes responsabilidades no seu dia a dia e necessita enfrentar os desafios da vida moderna (Peserico, 2009).

A opção pelas atividades desportivas extracurriculares como tema central de nosso estudo foi movida pela vivência em treinos desportivos e em competições que tivemos durante a nossa vida escolar, bem como pela curiosidade em analisar as influências das atividades desportivas fora do horário letivo no desempenho escolar dos estudantes atletas, pois são muitas as contradições sobre o tema. Verificamos que existem alunos atletas com excelentes desempenhos, tanto escolar quanto desportivo, outros com fracos desempenhos nos dois campos, bem como aqueles que têm bom rendimento desportivo e fraco rendimento escolar e vice-versa.

Será que os alunos atletas são alunos com rendimentos escolares inferiores aos alunos não atletas? Ou serão superiores?

Qual é a realidade da cidade de Portimão? Mais concretamente, qual é a realidade verificada nos alunos da cidade de Portimão?

A cidade de Portimão oferece uma vasta gama de oferta desportiva, tal como se pode verificar no relatório preliminar emitido pela autarquia (Portimão, 2008):

- 34% dos habitantes do concelho diz praticar uma atividade desportiva com regularidade.
- 81% destes praticantes são do género masculino e 19% do género feminino.
- As modalidades com maior número de praticantes são: o futebol e a natação.
- 44,5% dos praticantes são federados, número este, que se encontra acima da média Nacional.

Ainda segundo o mesmo documento emitido pela Câmara Municipal de Portimão, a segunda faixa etária com maior número de praticantes é a de indivíduos entre os 15 e os 19 anos.

Segundo os dados apresentados, concluímos ser importante e relevante realizar um estudo com os alunos da cidade de Portimão e verificar se a sua atividade desportiva os prejudica ou não no seu desempenho escolar. Pelos dados apresentados, verificamos que são muitos os jovens portimonenses, da faixa etária correspondente ao ensino secundário, que praticam atividades desportivas fora das escolas. Estarão estes alunos a desperdiçar o tempo destinado ao estudo em casa com treinos e competições?

Organizámos este trabalho em cinco capítulos: revisão da literatura encontrada, apresentação do problema, dos objetivos e das hipóteses formuladas, apresentação e análise dos resultados e sua discussão.

O primeiro capítulo serve como suporte teórico deste trabalho, apresentando o enquadramento literário do tema em estudo, onde incluímos a revisão de literatura que nos pareceu mais pertinente para podermos contextualizar a problemática da investigação. Está dividida em seis partes: na primeira parte iremos definir o conceito de rendimento escolar, na segunda parte tentaremos esclarecer o que são atividades extracurriculares e atividades desportivas extracurriculares no nosso estudo. Na terceira parte deste capítulo iremos centrar a nossa pesquisa na procura de estudos focados na influência das atividades desportivas extracurriculares nos resultados escolares. Na quarta parte deste capítulo, será abordada a diferença de géneros e os respetivos resultados escolares. Na quinta parte, é abordada a temática da diferença de género na prática desportiva. Na sexta parte da revisão da literatura, abordamos o grau académico dos pais e em que medida este poderá estar relacionado com o desempenho académico dos filhos e a sua prática desportiva.

Em suma, apresentamos vários estudos onde se relacionam os resultados escolares com a prática de atividades extracurriculares, género e grau académico dos pais.

No segundo capítulo deste trabalho, procuramos definir o problema, os objetivos e as hipóteses enquadrando-as com a revisão de literatura. Equaciona-se a pergunta de partida, e a fase de exploração. Define-se a problemática relacionada com a pergunta de partida, através da definição de objetivos mais específicos. As hipóteses são definidas em função dos objetivos específicos, nomeadamente em prática de atividades desportivas extracurriculares, género e grau académico dos pais.

No terceiro capítulo faremos a descrição da amostra, dos instrumentos e da metodologia escolhida. São aqui sistematizados os procedimentos e os materiais escolhidos para a concretização deste trabalho.

No capítulo seguinte, procede-se à apresentação dos resultados. Inclui a análise descritiva da amostra e a apresentação das distribuições e associações dos indivíduos relativamente à prática de atividade desportiva extracurricular, em função das outras variáveis.

No último capítulo, procuramos dar respostas às hipóteses formuladas fazendo o confronto com os resultados dos autores referenciados anteriormente.

O trabalho termina com um capítulo de considerações finais, no qual procuramos refletir sobre os resultados obtidos. Assumimos este último capítulo como termo da dissertação onde se pretendem destacar os contributos desta investigação, assim como as suas limitações encontradas. Mesmo no final do trabalho, encontram-se as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

Do ponto de vista prático, este estudo é pertinente uma vez que permite validar o projeto educativo da própria escola, bem como ajudar a reforçar ou a redirecionar a política da mesma.

As conclusões deste trabalho deverão ser dadas a conhecer à população através da escola ou até mesmo da autarquia no sentido de ajudar os pais, os estudantes e a população em geral, a tomar as suas opções desportivas extracurriculares durante a vida escolar dos jovens.

Assim, com o presente estudo pretendemos conhecer a prática desportiva extracurricular de um conjunto de jovens do ensino secundário, pertencentes a uma escola algarvia que promove atividades extracurriculares diversas, entre elas, as atividades desportivas.

Pretendemos, também, e, sobretudo, compreender se a prática desportiva extracurricular destes alunos tem algum impacto no seu rendimento escolar, pois acreditamos que ao fazê-lo, para além de contribuirmos para uma área de saber geradora de alguma controvérsia entre os próprios educadores, estaremos também a contribuir de alguma forma, para orientar a direção da escola e dos alunos rumo ao sucesso escolar.

.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo definir os termos por nós utilizados neste estudo. Sendo assim, iremos apresentar a clarificação dos conceitos fundamentais que vamos abordar e o enquadramento teórico do tema apresentado pois queremos situar o desenvolvimento das investigações já efetuadas neste âmbito e nesta temática.

1.1-Definição de rendimento escolar

Iremos definir o conceito de rendimento escolar para o nosso estudo com base nos trabalhos realizados por outros autores.

Saavedra (2001), afirma que o sucesso e o insucesso escolar não têm uma relação direta com as classificações mas que é através delas que, a grande parte dos países europeus, analisa o rendimento escolar. Considera este autor, que são as classificações que têm uma influência determinante no futuro escolar dos alunos e que é com base nas notas que uns continuam no sistema de ensino e outros são excluídos.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo Nacional (art. 8.º – Anexo à Portaria n.º 1322/2007, de 4 de Outubro), o rendimento escolar resulta da avaliação igual ou superior a dez valores dos conhecimentos adquiridos pelos alunos na escola. É um processo pedagógico que envolve professor e aluno na identificação das possibilidades da ação educativa, tendo a função de estabelecer critérios de desempenhos, que orientam a construção do conhecimento pelo aluno.

A avaliação do rendimento escolar no ensino secundário, acontece ao longo dos três períodos letivos e compreende a frequência nas atividades escolares e o aproveitamento escolar em diferentes momentos. Os critérios de avaliação são definidos no início do ano letivo pelo conselho pedagógico, de acordo com as orientações do currículo nacional. Estes, são estabelecidos por ano de escolaridade, disciplina e área não disciplinar, sob proposta dos departamentos curriculares.

Autores como Almeida & Nogueira (2002), Mello, Quintela & Mello (2004), Simão (2005) e Peserico (2009), utilizaram as pautas de avaliação dos alunos para encontrarem o rendimento escolar dos alunos nos seus estudos.

Bento & Pereira (1999), consideraram no seu estudo, o rendimento escolar dos alunos correspondente à soma aritmética dos resultados do primeiro período, apenas nalgumas disciplinas nomeadamente em língua portuguesa, língua estrangeira I, língua estrangeira II, matemática, físico-química e geografia. Portanto, estes autores, consideraram o rendimento escolar com base nas notas apenas de um período letivo e apenas de algumas disciplinas.

Peixoto (2003), operacionalizou, a variável rendimento escolar, a partir da média das notas das disciplinas nucleares (excluiu a educação física e outras).

Costa (2007), num estudo com alunos do ensino secundário, utilizou as pautas do 2º período considerando todas as disciplinas curriculares e assim encontrou o rendimento escolar da sua amostra.

Tendo em consideração estes trabalhos, quisemos definir para o nosso estudo a variável rendimento escolar.

A nossa opção, recaiu sobre o critério de rendimento escolar, considerando a sua utilização em função das classificações atribuídas pelos professores no final do segundo período de aulas, em todas as disciplinas. Assim, sempre que neste estudo for utilizado o termo rendimento escolar, estaremos a falar da média das classificações atribuídas, a todas as disciplinas, no final do segundo período letivo, do ano 2011-2012.

1.2-Definição de atividades desportivas extracurriculares

Peres, Andrade & Garcia (2007), consideraram como atividades extracurriculares todas as atividades organizadas fora do currículo escolar e realizadas de forma voluntária. Estas atividades envolvem compromissos de tempo fora do horário escolar.

Estríbio (2010), atribui às atividades extracurriculares uma relevância educacional com tanta validade como a escolar. Os alunos aprendem a trabalhar em equipa e desenvolvem, a longo prazo, aptidões de liderança e valores relacionados com atitudes de responsabilidade

Este mesmo autor, reforça que há necessidade das escolas se organizarem e oferecerem atividades de enriquecimento curricular aos seus alunos e que é preciso sensibilizar e tomar consciência para as questões da valorização da ocupação dos tempos livres e do papel que a escola ocupa na formação das futuras gerações como alicerces da sociedade.

Em Portugal, os horários escolares das turmas de ensino regular, são maioritariamente, mistos (dois turnos: manhã e tarde), o que implica que a frequência nestas atividades aconteça de manhã antes das aulas, ao final da tarde ou até à noite.

As atividades extracurriculares podem ser de carácter desportivo, artístico, musical, tecnológica ou outro.

O artigo 7º, do DL nº7 de 2001, aprova a revisão curricular do ensino secundário e diz que compete às escolas, proporcionar aos alunos atividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação. O desporto escolar insere-se nestas atividades de âmbito desportivo.

Concretamente, o nosso trabalho debruça-se sobre as atividades extracurriculares de âmbito desportivo. Assim, consideramos que estas atividades podem desenvolver-se fora da escola, em clubes ou associações, ou mesmo dentro do recinto escolar, nos diferentes grupos-equipas de desporto escolar (nomeadamente nesta escola em estudo: ténis de mesa, voleibol ou futebol). Para considerarmos estas atividades, temos como condição serem dirigidas por um monitor, treinador ou professor e terem regularidade.

1.3-Prática de atividades desportivas e resultados escolares

Segundo Marivoet (2001), o índice de participação desportiva da população portuguesa com mais de 15 anos, é de 23%. Quando analisamos apenas o grupo dos 15 aos 19 anos (faixa etária correspondente ao nosso estudo), este número aumenta para 34%.

A experiência de pertencer a um grupo escolar, num tempo extra aula, destacando a passagem pelas atividades extracurriculares é salientada por vários alunos como um período de grande crescimento, quer em termos pessoais, quer em termos académicos (Teixeira & Flores, 2010).

A disciplina e organização do tempo são fatores imprescindíveis na relação treino desportivo-estudos. Logo, o desporto pode tornar-se um excelente meio para que dentro do processo educativo ocorra uma melhoria no desempenho escolar. No entanto, a prática de desporto realizada pelos alunos deve ser organizada de forma que não atrapalhe os estudos. As grandes responsabilidades que o treino acarreta aos jovens (compromissos com horários, de treino e competições, necessidade de repouso e nutrição adequadas, etc.) tanto podem

ajudar como prejudicar o aluno. Isso vai depender de como o processo for conduzido. Sendo assim, a prática desportiva pode ajudar a promover uma melhor organização das rotinas ou pode fazer com que o estudante atleta projete o seu foco prioritariamente ao desporto, prejudicando seu rendimento escolar. (Peserico, 2009).

Alguns estudos realizados acerca das atividades extracurriculares evidenciam que as crianças que as praticam apresentam um melhor desempenho académico (Blomfield & Barber, 2010).

O programa do desporto escolar apresenta como um dos seus objetivos estratégicos (nº3) o aumento do sucesso escolar, reconhecendo estas atividades como potenciadores de melhores resultados escolares (Educação, M., 2009, página 5).

Holland & André (1986, citado por Costa, 2007) consideram, que um dos efeitos mais apelativos dos programas de desporto escolar se reporta ao seu contributo para o currículo académico, considerando que as atividades extracurriculares podem desempenhar um papel tão importante como as académicas na facilitação do desenvolvimento intelectual dos alunos.

Gerber (1996), na sua pesquisa, constatou que jovens que participam em atividades extracurriculares são mais propensos a terem melhores classificações académicas e que estas atividades são fatores de prevenção de comportamentos de risco, tal como a violência.

Estudos citados por Castelli, Hillman, Buck, & Erwin, (2007), apontam para uma relação positiva entre condição física e o desempenho escolar ou com outros aspetos relacionados com o desempenho cognitivo.

Peixoto (2003), num estudo com adolescentes com o objetivo de estudar as relações entre rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares, pretendeu, igualmente, estudar a forma como a participação em atividades extracurriculares e o nível de rendimento da escola interferem. Este autor, verificou que a participação em atividades extracurriculares, produz efeitos positivos, em vários aspetos da vida escolar, nomeadamente em termos de rendimento escolar.

Simão (2005), afirma que a prática de qualquer atividade implica a existência de sentido de responsabilidade pelo cumprimento dos compromissos assumidos, nomeadamente a pontualidade e a assiduidade e pressupõe também o estabelecimento de metas pessoais e tentativas de as alcançar. Este autor considera que transferirmos estas competências para o domínio académico, podemos verificar que o seu desenvolvimento nesta área acarreta uma

maior eficácia no estudo, fazendo prever um maior sucesso académico. O seu estudo conclui que os alunos que participam em atividades extracurriculares (dentro e fora da escola) têm melhores desempenhos académicos do que os que não participam.

Bento & Pereira (1999), realizaram um estudo com o objetivo de analisar a influência da participação em atividades desportivas extracurriculares no rendimento escolar dos alunos. A amostra era constituída por 200 alunos do nono ano de escolaridade. O rendimento escolar dos alunos correspondeu à soma aritmética dos resultados do primeiro período em língua portuguesa, língua estrangeira I, língua estrangeira II, matemática, físico-química e geografia. Os resultados obtidos revelaram que os alunos que participam em atividades desportivas extracurriculares obtinham rendimentos escolares mais elevados do que os que não participam naquelas atividades.

Fejgin (1994, citado por Simão, 2005), fez estudos longitudinais onde mostrou que a participação em atividades desportivas melhorava o desempenho escolar, comprovando-o através das notas dos alunos.

Almeida & Nogueira (2002), realizaram um estudo onde analisaram em que medida o envolvimento dos estudantes em atividades extracurriculares, tinha impacto no seu rendimento académico. Os resultados sugeriram diferenças estatisticamente significativas nas vivências académicas quando comparamos alunos com atividades extracurriculares e alunos sem essas atividades extracurriculares. Os alunos sem essas atividades apresentam valores mais baixos nas classificações escolares parecendo sugerir que o envolvimento extracurricular se devidamente gerido na sua quantidade e qualidade pelos estudantes, poderá ter um efeito benéfico na sua satisfação e no seu rendimento académico.

Segundo Viacelli (2002), o rendimento escolar dos alunos, é independente da sua prática desportiva. No grupo analisado no seu estudo, a prática de atividades físicas não auxiliou nem prejudicou os alunos no que diz respeito ao rendimento escolar. Este autor fez o seu estudo com doze turmas e fez as comparações entre dez alunos com ADECS e 10 alunos sem ADECS, dentro de cada turma e não inter-turmas no sentido de não existirem critérios diferentes, professores diferentes e outro fatores que poderiam influenciar os resultados.

Já Novais (2007), num estudo com crianças institucionalizadas e não institucionalizadas concluiu que, relativamente aos índices de atividade física em função do sucesso e insucesso escolar, os alunos com insucesso escolar apresentam, um maior índice de atividade física.

Marsh (1992), num estudo com alunos do ensino secundário, verificou que a participação desportiva produzia efeitos positivos e significativos em diversos aspetos académicos. Não encontrou, contudo, nenhum efeito ao nível dos resultados em testes padronizados e das classificações escolares.

Com o intuito de observar a relação entre o rendimento académico e a prática desportiva, Costa (2007), efetuou um estudo com estudantes do ensino secundário. A amostra contemplou 175 alunos dos dois géneros (masculino e feminino), com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos e de três níveis socioeconómicos diferentes. Os resultados apontaram para a existência de uma relação negativa entre o rendimento académico e o tempo dedicado à prática de atividades desportivas. Foram também registadas diferenças relativamente ao género e à idade em função da prática desportiva dos alunos, mas não relativamente ao nível socioeconómico.

Num outro estudo, realizado por Matias (2011) com o intuito de investigar se os resultados académicos de estudantes com programas extracurriculares, eram superiores aos resultados obtidos por estudantes não participantes em atividades extracurriculares, (realizado com 1133 alunos), verificou-se que os resultados não corroboraram a hipótese do estudo formulada e demonstraram que os estudantes participantes em atividades extracurriculares não apresentaram resultados superiores em relação aos outros.

Num estudo realizado por Zenha, Gomes & Resende (2009) com atletas de alta competição, verificaram que os atletas consideram os bons resultados escolares devido à boa gestão e organização do seu tempo e consideram ainda, que a prática desportiva não influencia negativamente os seus estudos.

Por sua vez, Shumaker & Wood (1986) concluíram que os estudantes desportistas alcançavam melhores resultados escolares que os que não eram desportistas, embora a diferença encontrada não fosse estatisticamente significativa.

Oliveira, Medeiros, Fernandez & Maldonado (2010), estudaram a importância da atividade física no rendimento escolar e concluíram que os programas de atividade física não afetam negativamente o rendimento escolar. Referem ainda, que a promoção de programas de atividade física entre adolescentes é importante no sentido que permitem o desenvolvimento de hábitos de saúde e, poderá ser um caminho, para incrementar o desempenho cognitivo, ao invés de o inibir. Neste estudo, verificamos também que os alunos

com atividades desportivas encontram dificuldades em conciliar o tempo dos treinos com os estudos.

No estudo feito por Peserico (2009), procurou-se identificar a possível influência do treino desportivo no desempenho escolar, a partir da visão dos próprios estudantes atletas e dos seus professores numa escola particular. Aqui, foram identificados aspetos benéficos da prática sistemática de desporto, bem como a relação destes com a necessidade de um desempenho escolar satisfatório. Os benefícios mais citados pelo grupo pesquisado – professores e estudantes – foram: trabalho em grupo, disciplina, disposição, relacionamentos, concentração/atenção, auto estima, responsabilidade e organização. Verificou-se ainda que a melhoria dessas características representam uma influência benéfica para o desempenho escolar dos estudantes atletas.

Um estudo efetuado por Freire (2010), concluiu que muitos alunos sentiram que a sua participação nas atividades do desporto escolar (atividade extracurricular) os ajudou a obter melhores resultados nas outras disciplinas.

Sintetizando, encontramos muitos estudos que mostram que os alunos com atividades extracurriculares obtêm resultados escolares superiores aos alunos que não têm atividades fora das aulas.

1.4-Diferença de género nos resultados escolares

Rocha & Silva (2007), num estudo realizado em Portugal, com alunos do ensino superior, tecem algumas considerações acerca da diferença de género no ensino. Segundo estas autoras, o incremento de raparigas no ensino superior acontece já em todos os cursos e não só nos tradicionalmente femininos. Consideram ainda, que, para os rapazes, acabar o ensino secundário representa um esforço muito superior do que para as raparigas. A presença do género feminino aumenta à medida que avançamos nos graus de ensino acentuando-se mais a partir do 10º ano.

Segundo o estudo da Eurydice (Europeia, 2010), que analisa a situação da Europa, na diferença entre o género masculino e feminino nos resultados escolares, verifica-se que a desigualdade existente constitui um motivo de preocupação nos países europeus. Apesar das taxas de escolarização terem claramente evoluído nas últimas décadas, as diferenças entre os géneros continuam a existir nos resultados escolares.

O género é um dos fatores que influencia o aproveitamento escolar nas diferentes disciplinas. Os rapazes têm tendência para atrasarem o seu percurso escolar e para repetirem os anos letivos mais vezes do que as raparigas. Os dados salientados neste estudo, sugerem que, de uma forma geral, os rapazes têm um aproveitamento escolar inferior ao aproveitamento das raparigas. Segundo este mesmo relatório, em Portugal, as taxas de repetição estão gradualmente a aumentar em cada ciclo de ensino, sendo as taxas aproximadamente 6% mais altas para os rapazes do que para as raparigas. As raparigas têm normalmente um desempenho melhor nos exames de saída da escola no fim da escolaridade obrigatória e do ensino secundário obrigatório. Em média, as raparigas também obtêm classificações ou taxas de aprovação mais altas.

Saavedra (2001), analisou a relação entre as classificações escolares entre os dois géneros. Mais especificamente, este autor foi verificar se o género influencia de modo diferenciado o aproveitamento escolar nas várias disciplinas. Verificou que, em relação à média global das diferentes disciplinas, as raparigas tinham melhores resultados na disciplina de Língua Portuguesa e os rapazes na disciplina de Educação Física.

Resumindo, a diversa literatura encontrada mostra-nos que as diferenças entre os géneros continuam a existir nos resultados escolares. As raparigas também obtêm classificações e taxas de aprovação mais altas do que os rapazes.

1.5-Diferença de género na prática desportiva

As diferenças de género no âmbito desportivo, segundo Mota & Sallis (2002), podem ser explicadas mais pelo processo de socialização do que correspondendo a um fenómeno biológico. Os rapazes são confrontados com maior número e mais diversas oportunidades para a prática de desporto fora do contexto escolar e por isto beneficiam de uma experiência mais significativa e até positiva. As raparigas não recebem um apoio suficientemente significativo dos seus pais que lhes sirva de suporte à prática de atividade motora.

Segundo Marivoet (2003), existe em Portugal, um índice de participação desportiva do sexo masculino de 34% e de participação desportiva do sexo feminino um índice apenas de 14%. O que mostra uma grande diferença de participação desportiva quando se discrimina pelo género.

Na realidade, segundo Marivoet (2003), as transformações nas relações de género no espaço desportivo são visíveis na aproximação da participação desportiva feminina e

masculina na maior parte das sociedades europeias. No entanto, quando se analisa a participação no desporto de competição, intensivo e organizado, as assimetrias entre os sexos aumentam drasticamente fazendo denotar que este espaço das práticas desportivas continua a ser um espaço marcadamente masculino. Os rapazes têm uma participação desportiva maior e esta diferença torna-se mais relevante quando verificamos a participação desportiva competitiva.

Quando se aborda as atividades de lazer, Salles-Costa, Werneck, Faerntein & Lopes (2003), analisaram o padrão de participação entre homens e mulheres em relação ao tempo de prática de atividades físicas no tempo destinado ao lazer e verificaram que este representa um domínio da vida quotidiana organizado segundo determinadas convenções, entre elas as conceções acerca do ideal de corpo segundo o género, onde homens e mulheres apresentam comportamentos distintos no que se refere à prática de exercícios físicos. Conclui então, que existe um domínio masculino na prática de atividades físicas de lazer.

Os resultados obtidos no estudo de Almeida (2007), sugerem que as raparigas são mais inativas que os rapazes em termos de atividade física desportiva.

Num estudo feito por Matos, Carvalhosa & Diniz (2002), com estudantes adolescentes portugueses, verificou-se uma maior atividade física associada ao género masculino.

Resultados de outros estudos sugerem que as raparigas são, aproximadamente, 25% menos ativas que os rapazes durante a idade escolar e que a participação em atividade física diminuía cerca de 7,4% por ano em raparigas e 2,7% para os rapazes (Mota & Sallis, 2002).

Vasconcelos & Maia (2001), realizaram um estudo na Ilha Terceira (Açores) com alunos dos 10 aos 19 anos. Estes autores concluíram que não houve declínio de atividade física nos jovens da sua amostra até aos 18 anos. No género feminino verificou-se um incremento até aos 16 anos estabilizando entre os 17 e 18 anos. No género masculino, o incremento ocorre até aos 13 anos e estabilizando entre os 13 e os 18 anos. Aos 18 anos o declínio é superior nas raparigas. Os índices de atividade física nos rapazes, são superiores ao das raparigas em todos os escalões etários.

Loureiro (2011), realizou um estudo recente, onde fez uma análise da prática desportiva dos adolescentes portugueses de acordo com o género e o ano de escolaridade. Este autor verificou que a prática desportiva difere por género e por idade verificando-se uma diminuição maior, na prática desportiva das raparigas.

Mota & Sallis, (2002), dizem existir uma melhoria significativa de participação do género feminino mas continuam a existir diferenças significativas na participação, a favor do género masculino

De forma surpreendente, existem também estudos que indicam resultados diferentes. Existe um estudo realizado em Portugal onde se constata não existirem diferenças significativas entre géneros, no que respeita à prática de atividade física (Ledent et al., 1997).

Alguns estudos têm demonstrado que o declínio na prática de atividade física é superior nos rapazes, durante a idade jovem (Telama & Yang, 2000). Num estudo realizado por estes autores, na Filândia, os rapazes eram mais ativos do que as raparigas mas o declínio da atividade foi mais acentuada entre o género masculino do que o feminino, e depois dos 15 anos de idade, os indivíduos do género feminino tinham maior participação desportiva do que os rapazes.

Mas outros estudos (Vasconcelos & Maia, 2001), indicam que a partir do início da adolescência o fenómeno de abandono é crescente principalmente pelo sexo feminino.

Em jeito de conclusão, verificamos pelos estudos dos autores referenciados que a prática desportiva difere por género verificando-se existir uma melhoria significativa de participação do género feminino mas continuando a existir diferenças significativas na participação, a favor do género masculino.

1.6-Influência do grau académico dos pais na prática desportiva e no rendimento escolar dos filhos.

A família tem sido identificada como uma das instituições tradicionais a exercer uma maior influência na modelação e fixação da prática da atividade física dos jovens adolescentes (Leal, 2009).

Os hábitos desportivos acompanham o nível de escolaridade. Quanto mais elevada a escolaridade maior são os níveis de participação em atividades desportivas (Marivoet, 2003).

Vários estudos têm demonstrado uma correlação positiva entre a influência dos pais e a participação desportiva dos jovens (Cleland, Venn, Fryer, Dwyer & Blizzard, 2005; Colley, Eglinton & Elliott, 1992).

A instrução (ao nível da educação) manifesta-se num aumento de perceção sobre o desporto e a atividade física. A participação em diferentes tipos de atividades e o interesse dos

pais nessas atividades são fatores determinados em parte, pelo seu nível de instrução (Mota & Sallis, 2002).

Muitas vezes, os pais demonstram alguma resistência à continuidade da prática de atividade desportiva fora da escola quando os alunos estão no ensino secundário, pois a sua maior preocupação passa a ser o ingresso no ensino superior e a obtenção das melhores classificações académicas. (Oliveira, De Medeiros, Fernandez, & Maldonado, 2010).

Segundo Cunha (2008), os pais têm um papel especial na influência da prática desportiva dos jovens quer seja na qualidade do nível desportivo, na experiência desportiva ou mesmo no abandono desportivo.

É comum depararmo-nos com a situação de se culpar a prática desportiva pelo fracasso em testes, exames e até reprovações, e, observarmos pais, a título de castigo ou prevenção, suspenderem os treinos dos seus filhos ao menor sinal de quebra no desempenho escolar (Peserico, 2009).

Costa (2008), elaborou um estudo com o objetivo de estudar o abandono da prática desportiva dos jovens de 12 a 18 anos de idade, Os resultados do estudo revelaram que as razões mais importantes para abandonar a prática desportiva eram a falta de apoio da família e pressão dos pais para estudarem mais.

No sentido de verificar a influência da escolaridade dos pais na prática desportiva dos seus filhos, Cunha (2008), realizou um estudo onde concluiu que existem diferenças entre os pais com maior grau de escolaridade e os pais de menor grau de escolaridade.

Santos (2004), realizou um estudo que visava verificar a associação entre a actividade física de adolescentes e a posição sócio-económica dos seus pais. Esta autora concluiu existirem associações entre a actividade física e a posição sócio-económica do pai e da mãe que, embora fracas, revelam uma tendência entre os jovens de ambos os sexos, cujos pais têm níveis de escolaridade e de profissão mais elevados, para pertencer aos grupos de nível mais elevado de actividade física.

Guerra (2004), realizou um estudo com o objetivo de analisar o estilo de vida dos adolescentes numa escola secundária de Matosinhos e verificou que 41% dos alunos disse praticar uma modalidade desportiva nos tempos livres e despende cerca de 4,6 horas semanais com os treinos. Da sua amostra 68% dos alunos tinha mães com a escolaridade obrigatória e pais com a mesma escolaridade mas numa percentagem ligeiramente inferior.

Santos, Gomes, Ribeiro & Mota (2005), realizaram um estudo com 594 adolescentes de 9 escolas secundárias portuguesas. Este estudo mostra que os adolescentes, sedentários e menos ativos, caracterizam-se por terem pais com baixo estatuto socioeconómico e baixo nível educacional.

No entanto, segundo o estudo de Marques (2010), filhos em que ambos os pais tinham frequentado o ensino secundário e as mães tinham frequentado o ensino superior eram mais ativos. Por outro lado, alunos cujos pais e mães tinham baixos níveis de escolaridade eram pouco ativos ou sedentários.

Quanto à influência do grau de escolaridade dos progenitores no rendimento escolar dos filhos, salientamos aqui alguns trabalhos de alguns autores.

Mascarenhas, Almeida & Barca (2005), analisaram a relação entre as atribuições causais e o rendimento académico, apreciando como tais atribuições se diferenciam de acordo com o nível de escolaridade dos pais e o género dos alunos. A atribuição dos fracos resultados escolares à falta de capacidade é mais frequente nos rapazes cujos pais possuem baixas habilitações académicas. Por último, a atribuição dos bons resultados escolares ao esforço, ou os baixos resultados à falta de esforço, é mais frequente junto dos alunos cujos pais possuem níveis mais elevados de escolaridade

Segundo Saavedra (2001), os alunos, cujos pais possuem níveis de escolaridade de licenciatura, são melhores alunos do que os alunos cujos pais não têm licenciatura. De resto, obter o 4º ano de escolaridade ou 12º ano de escolaridade é indiferente, não apresentando diferenças significativas.

Na mesma linha, Benavente & Correia (1980), realizaram um estudo em que procuraram analisar a relação existente entre o grau de escolarização (habilitações da mãe) e o insucesso escolar. Na amostra considerada, 45% das mães eram analfabetas; 38% não possuíam o 1.º ciclo; 19% tinham o 1.º ciclo; 11% o 2.º ciclo; 6% o 3.º ciclo, 7% o ensino secundário e finalmente 3% uma licenciatura. As crianças cujas mães tinham como habilitações máximas o 1º ciclo eram as que apresentam piores resultados nos desempenhos académicos.

Podemos resumir que a diferente literatura mostra-nos que o contexto familiar e o nível educacional onde os jovens estão inseridos, tem influência na vida desportiva dos mesmos e nos seus resultados escolares.

2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Neste capítulo apresentamos a problemática deste estudo, caminhando desde o problema inicial, procurando atingir o objetivo geral através dos objetivos mais específicos.

Toda a revisão da literatura feita leva-nos a colocar algumas hipóteses às quais pretendemos dar resposta.

2.1- Apresentação do problema

A problemática deste estudo centra-se nas relações entre resultados escolares e prática de atividades desportivas extracurriculares. Estarão os resultados escolares dos alunos do ensino secundário relacionados com a prática de atividades desportivas extracurriculares?

O ponto de partida para este estudo prendeu-se com a pertinência de perceber se o facto de os jovens estudantes serem praticantes de atividades desportivas fora do horário escolar significa terem resultados escolares superiores aos alunos que não têm essas atividades.

A revisão de literatura permitiu-nos verificar a existência de relações entre estas duas variáveis mas podemos esclarecê-las melhor nomeadamente em relação às diferenças de género, comparando com o grau de escolaridade dos pais destes alunos e até discriminando o tipo de curso frequentado por estes alunos.

É então possível apresentar a seguinte questão de partida orientadora para o presente estudo:

Será que os jovens estudantes, da ESMTG, que praticam atividade desportiva extracurricular são prejudicados no seu rendimento escolar em relação aos não praticantes?

2.2- Objetivos

Para podermos responder ao problema enunciado anteriormente, apresentamos seguidamente, não só o objetivo geral, como também outros mais específicos, que vão de encontro à problemática anteriormente referida e que nortearão toda a nossa investigação.

Objetivo geral

- Saber se as atividades desportivas extracurriculares influenciam o rendimento escolar dos alunos.

Concretizando melhor este objetivo, deparamo-nos com alguns objetivos mais específicos que inseridos no nosso objetivo geral, vem particularizar melhor cada item que queremos alcançar.

Objetivos específicos

- Verificar se existem diferenças nos resultados escolares dos alunos do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade dos cursos científico-humanísticos, entre o género masculino e o género feminino que praticam desporto fora das atividades letivas.
- Analisar se o grau académico dos pais se relaciona com o desempenho académico dos jovens praticantes de atividades extracurriculares.
- Observar se o tempo de treino se relaciona com o rendimento escolar.
- Verificar se a área de estudos que os alunos frequentam (Ciências e Tecnologias ou Línguas e Humanidades) se apresenta como variável discriminatória relativamente à prática de atividades desportivas extracurriculares.
- Verificar se os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares dedicam menos tempo ao estudo do que os alunos sem essas atividades.

Tendo em consideração os objetivos apresentados, iremos apresentar seguidamente as hipóteses deles decorrentes e que iremos procurar comprovar ao longo do estudo.

2.3-Hipóteses

Muitos dos trabalhos apresentados anteriormente mostram-nos que os alunos que participam em atividades extracurriculares têm rendimentos escolares superiores em relação àqueles que não participam nessas atividades. O estudo de Simão (2005), é um desses estudos que conclui que os alunos que participam em atividades extracurriculares (dentro e fora da escola) têm melhores desempenhos escolares do que os que não participam e que a prática desportiva acarreta maior eficácia nos estudos fazendo prever maior sucesso escolar. Será que

pelo facto de os alunos despenderem o seu tempo livre de atividades letivas em atividades desportivas, os impossibilita de aprenderem mais e de obterem melhores resultados escolares? Ou será que pelo facto de treinarem uma qualquer modalidade desportiva os ensina a serem disciplinados e lhes permite tornarem-se mais concentrados, rentabilizando melhor o tempo dedicado aos estudos e consequentemente obterem um melhor desempenho escolar?

Vamos tentar verificar se os nossos resultados vêm de encontro a este pressuposto e se se verifica a 1ª hipótese:

Hipótese 1-Os estudantes da ESMTG, praticantes de atividades desportivas extracurriculares têm melhor rendimento escolar do que os estudantes que não praticam nenhuma atividade desportiva extracurricular.

Segundo o estudo da Europeia (2010), o género é um dos fatores que influenciam o aproveitamento escolar nas diferentes disciplinas. As raparigas obtêm, normalmente, melhores classificações e melhores taxas de aprovação nos exames, o que, por sua vez, as ajuda a entrar nas universidades que pretendem. Segundo este mesmo estudo, em Portugal, as raparigas têm melhores aproveitamentos no final do ensino secundário. A partir desta ideia, consideramos pertinente formularmos a segunda hipótese:

Hipótese 2-As estudantes do género feminino praticantes de atividades desportivas extracurriculares, têm melhor rendimento escolar do que os estudantes do género masculino praticantes de atividade desportiva extracurricular.

O tempo que os alunos, com ADECS, dedicam ao treino, é um fator de preocupação dos pais e dos próprios alunos. A escola ocupa muito do tempo diário e semanal dos alunos. O tempo disponível fora do horário escolar é escasso e normalmente apenas acontece ao final do dia, tempo este que poderá ser utilizado para treinar. Será que quanto mais tempo os alunos dedicam ao treino piores resultados obtêm nos estudos? Ou será o contrário? Os resultados encontrados por Costa (2007) na sua investigação, apontaram para a existência de uma relação negativa entre o rendimento académico e o tempo dedicado à prática de atividades desportivas. Esta questão leva-nos a pensar que poderá existir uma relação entre estas duas variáveis que nos leva a colocar a terceira hipótese de estudo:

Hipótese 3-Existe uma relação estatisticamente significativa entre o rendimento escolar e o tempo de treino dedicado à prática desportiva dos alunos.

Como a escola onde realizámos o nosso estudo tem apenas dois cursos do ensino regular (Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades), queremos verificar se os alunos dos diferentes cursos têm diferentes índices de participação desportiva extracurricular.

Esta questão coloca-se sobretudo por se verificar que os cursos de Línguas e Humanidades têm mais alunos do género feminino. Os rapazes e as raparigas tendem a participar em áreas de estudo diferentes: há um número maior de raparigas a escolherem cursos de estudos gerais e na área das humanidades (Europeia, 2010). Visto que a literatura nos dá dados que indicam que há uma participação desportiva maior do género masculino, leva-nos a colocar a seguinte hipótese:

Hipótese 4-Há mais alunos dos cursos de Ciências e Tecnologias a praticarem atividades desportivas extracurriculares do que os alunos dos cursos de Línguas e Humanidades.

Vimos na literatura apresentada que a organização do tempo dos jovens é um fator importante na relação treino e estudos. Percebemos como o desporto pode tornar-se um excelente meio para que dentro de um processo educativo ocorra uma melhoria no desempenho escolar, se esta prática for organizada de forma a que não “atrapalhe” o tempo dedicado aos estudos. As grandes responsabilidades que o treino acarreta aos jovens (compromissos com horários, de treino e competições, necessidade de repouso e nutrição adequadas, etc.) tanto podem ajudar como prejudicar o aluno. Isso vai depender de como o processo for conduzido. Sendo assim, a prática desportiva pode ajudar a promover uma melhor organização do tempo ou pode fazer com que o estudante atleta projete o seu foco prioritariamente ao desporto, prejudicando seu rendimento escolar (Peserico, 2009).

Já Costa (2007) concluiu que para que não prejudiquem o seu desempenho escolar, é pertinente que os alunos não comprometam algum do tempo que lhes poderá ser útil para estudar, por se dedicarem excessivamente a atividades de carácter desportivo.

Será que o tempo consumido por estes jovens praticantes, os prejudica ao ponto de lhes restringir o tempo que dispensam aos estudos e, conseqüentemente, no seu rendimento

escolar? Até que ponto os estudantes que não praticam atividades desportivas extracurriculares, comprometem o tempo que deveriam dedicar ao estudo com outras atividades sedentárias, que poucos ou nenhuns benefícios lhes trazem?

Esta fundamentação leva-nos à seguinte hipótese:

Hipótese 5- Os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares dedicam menos tempo ao estudo do que os alunos sem essas atividades.

Ponderámos ainda se o tempo que os alunos dedicam ao treino consome tempo para dedicar aos estudos. Vimos que a prática desportiva extracurricular acarreta compromissos com horários de treino e repouso. A gestão do tempo fora da escola pressupõe uma boa organização de horários para que o aluno consiga conciliar o tempo dedicado às ADECS e aos estudos.

Zenha, Resende & Gomes (2009) quando questionaram os jovens sobre as razões que os levam a obter bons resultados académicos, a maioria dos atletas, afirmou ser a sua boa organização do tempo o principal fator de sucesso. O tempo que estes alunos utilizam ao treinar implica reduzir tempo para estudar? Quanto mais os alunos treinam menos estudam? Estas questões leva-nos à formulação da seguinte hipótese:

Hipótese 6-Existem relações estatisticamente significativas entre o tempo de estudo dos alunos, e o tempo de treino.

Tentaremos verificar se o grau académico dos progenitores tem alguma influência nos resultados escolares obtidos pelos alunos que praticam e também pelos que não praticam atividades desportivas extracurriculares.

Segundo o estudo de Mascarenhas, Almeida & Barca (2005), que analisam a relação entre as atribuições causais e o rendimento académico, e como estas se diferenciam de acordo com o nível de escolaridade dos pais, verifica-se que a atribuição dos fracos resultados escolares é mais frequente nos alunos cujos pais possuem baixas habilitações académicas. A atribuição dos bons resultados escolares é mais frequente junto dos alunos cujos pais possuem níveis mais elevados de escolaridade. Estes autores fundamentam as seguintes hipóteses de estudo:

Hipótese 7 - Os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares têm progenitores com maior grau académico do que os alunos que não praticam qualquer atividade desportiva extracurricular.

Como verificámos na revisão da literatura, vários estudos têm demonstrado uma correlação positiva entre a influência dos progenitores e a participação desportiva dos jovens (Cleland, Venn, Fryer, Dwyer & Blizzard, 2005; Colley, Eglinton & Elliott, 1992). Alunos com prática desportiva têm pais com maiores graus de escolaridade. Estes dados levam-nos a querer verificar se na nossa amostra este pressuposto também se verifica o que nos leva a colocar a seguinte hipótese:

Hipótese 8 - Existem relações estatisticamente significativas ao nível dos resultados escolares entre os alunos com prática desportiva extracurricular e o grau académico dos progenitores.

3. MÉTODO

3.MÉTODO

Neste capítulo iremos caracterizar a amostra e as variáveis do estudo, apresentaremos os instrumentos utilizados e os procedimentos operacionais e estatísticos realizados.

3.1-Amostra

A nossa amostra é constituída por alunos, de ambos os géneros, do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade dos cursos científico-humanísticos (concretamente, Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades), a frequentarem a escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, com uma distribuição por género como se pode ver na tabela 1.

Os alunos dos cursos profissionais não entram nesta amostra porque o sistema da sua avaliação é feito em moldes diferentes dos cursos regulares.

Tabela 1 - Caracterização da amostra pelo género e ano de escolaridade				
Ano de escolaridade	género		Total	Nº de turmas
	masculino	feminino		
10º ano	69	83	152	9
11ºano	37	80	117	7
12º ano	35	36	71	5
Total	141	199	340	21

Verifica-se que dos alunos inquiridos, existem, em todos os anos de escolaridade, mais raparigas estudantes que rapazes.

O questionário foi aplicado a todos os alunos das turmas científico-humanísticas mas para o nosso estudo só foram contemplados os alunos matriculados e a frequentar todas as disciplinas, sem anulações ou exclusões por faltas.

No total temos uma amostra de 340 alunos, sendo 41,5% (N=141) do género masculino e 58,5% (N=199) do género feminino.

As idades dos alunos variam entre 15 e 18 ou mais anos. Sendo a idade mais representada os 16 anos (N=123, 36,2%), seguida dos 17 anos (N=93, 27,4%), 15 anos (N=66, 19,4%) e por fim, 18 ou mais anos (N=58, 17,1%). A média das idade situa-se nos 16,42 anos (Sd=0,988).

De todos os alunos da amostra, 46,5% (N=158) estudam nos cursos de Línguas e Humanidade e 53,5% (N=182) estudam nos cursos de Ciências e Tecnologias.

Nos cursos de Línguas e Humanidades estudam, nesta escola, mais raparigas do que rapazes (Nf=41, 58,6% 3 Nm= 29, 41,4% respetivamente) e nos cursos de Ciências e Tecnologias o contrário (Nf =50, 62,5% e Nm =30, 37,5%).

Se distinguirmos em cada curso, os alunos que praticam dos alunos que não praticam ADECS, verificamos que nos dois cursos existem mais alunos a não praticarem nenhuma atividade desportiva fora do horário escolar (tabela 2).

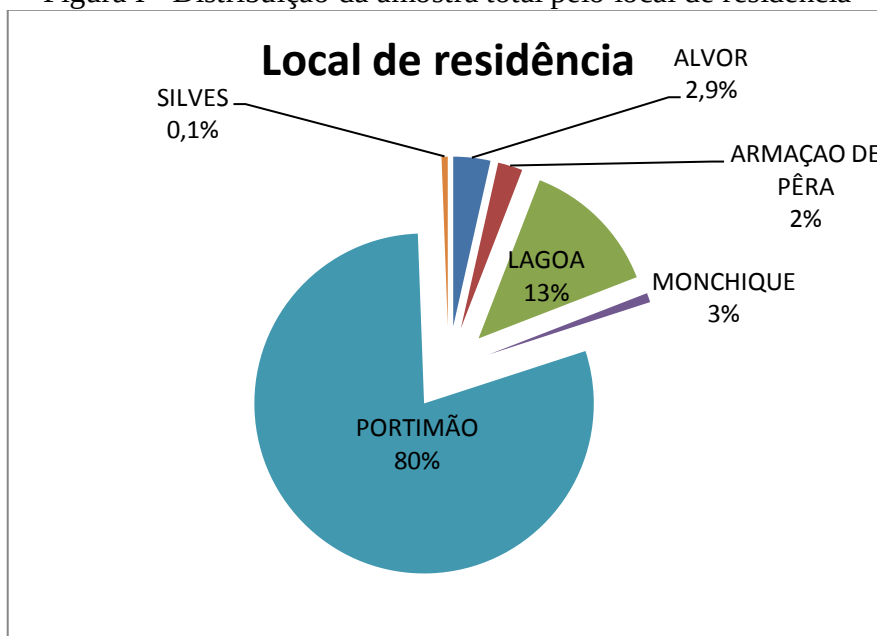
Tabela 2 - Caracterização da amostra com e sem ADECS pelo tipo de curso

	Com ADECS	Percentage m	Sem ADECS	Percentagem	total
Curso Cientifico- Humanístico	80	43,9	102	56,1	182
Cursos Línguas e Humanidades	70	44,3	88	55,7	158
Total	150	100	190	100	340

A grande parte dos alunos reside na cidade de Portimão (N= 270, 79,4%), segue-se a cidade de Lagoa (N= 45, 13,0%), havendo depois alguns, mas poucos, alunos residentes em outras localidades (Silves, Armação de Pêra, Alvor e Monchique) (figura I).

Se analisarmos a distribuição do local de residência dos alunos que têm atividades desportivas extracurriculares verificamos que a distribuição é muito semelhante: 114 alunos (76%) residem em Portimão, 23 alunos (15%) em Lagoa e os restantes 13 (9%) distribuídos por Armação de Pêra, Alvor e Monchique.

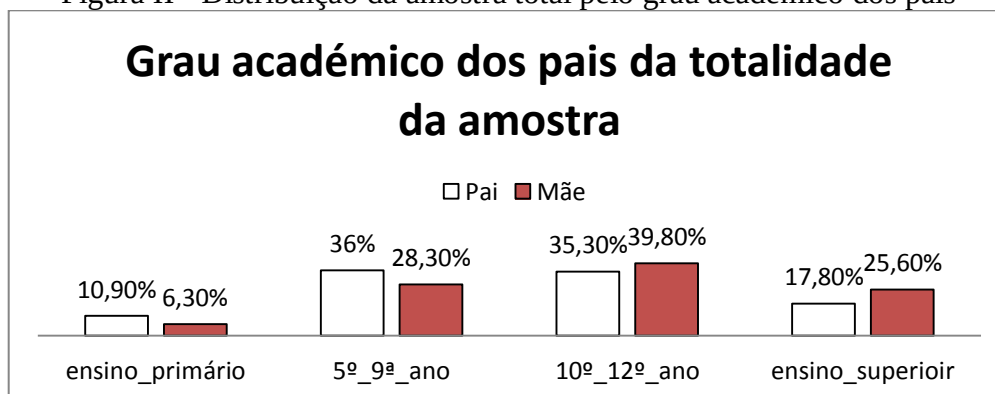
Figura I - Distribuição da amostra total pelo local de residência



Dos alunos que responderam à questão do grau de escolaridade dos pais (97,4%, da totalidade da amostra), verifica-se que em relação ao pai, 36% possuem um nível de escolaridade correspondente ao 3º ciclo, 35,3% refere-se aos que possuem um nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário, 17,8% correspondente ao ensino superior e apenas 10,9% os que apresentam um baixo nível de escolaridade (1º ciclo).

Quanto ao grau académico das mães e dos pais, verifica-se que as mães apresentam graus de escolaridade mais elevados que os pais. No que respeita ao grau académico das mães a realidade é a seguinte: a maior percentagem apresenta um grau de escolaridade correspondente ao ensino secundário (39,8%), depois vem o 2ª e 3º ciclos (28,3%), mais de um quarto das mães tem o ensino superior (25,6%) e 6,3% tem apenas o 1º ciclo (figura II).

Figura II - Distribuição da amostra total pelo grau académico dos pais



Em resumo,. Verifica-se que 46,9% dos pais tem escolarização até ao final do 3^a ciclo e este valor é de 34,60% quando analisamos o grau de escolaridade das mães. Quando analisamos o ensino secundário e ensino superior os valores das mães são superiores ao dos pais (65,40% e 53,10% respetivamente).

3.2-Variáveis

Para a concretização deste estudo pudemos identificar as variáveis que considerámos importantes para a análise desta problemática.

DEPENDENTE:

-Rendimento escolar.

Consideramos a média das classificações do segundo período letivo como variável que está dependente das outras em estudo.

INDEPENDENTES:

-Participação em atividades desportivas extracurriculares

-Grau académico dos pais (pai e mãe)

- Género

-Tipo de curso (curso de Ciências e Tecnologias e curso de Línguas e Humanidades)

Estas variáveis foram escolhidas após a revisão da literatura e são aquelas que pensamos que podem influenciar o rendimento escolar dos alunos.

MODERADORA:

- Ano de escolaridade

Esta variável pode exercer influências no decurso da investigação.

CONTROLO:

- Frequência na escola secundária Manuel Teixeira Gomes

Assim, controlamos que os critérios de avaliação utilizados na avaliação dos alunos que compõem a nossa amostra, são os mesmos.

3.3-Instrumentos

Aplicámos um questionário aos alunos (anexo I). Com este instrumento de recolha de dados pretendemos recolher informações sobre quem pratica atividades desportivas extracurriculares e quem não pratica, o tipo de atividades praticadas, o local e o tempo despendido nessas práticas.

Para este estudo houve necessidade de proceder à adaptação do instrumento de recolha de dados. O questionário utilizado foi reduzido e adaptado do questionário ao aluno da tese de Marques (2010). Seleccionámos as questões adequadas à pertinência do nosso estudo pois considerámos que se enquadravam nos objetivos do mesmo.

Este instrumento foi, inicialmente, dado para analisar a 5 especialistas para opinarem sobre a clareza e compreensão do mesmo e depois foi aplicado a uma reduzida amostra aleatória, de várias escolas secundárias diferentes daquela que faz parte do estudo, no sentido de avaliar a adequação do questionário e aferir se as questões colocadas levantavam dúvidas ou más interpretações (Hill, M. & Hill, A., 2000).

O questionário tem uma pequena introdução onde referimos o objetivo principal, fazemos uma declaração de confidencialidade dos dados e respostas, e referimos que não existem respostas boas ou más no sentido de favorecer uma melhor cooperação dos alunos (Hill, M. & Hill, A., 2000). Por fim, agradecemos a participação dos alunos na investigação.

As questões colocadas têm como objetivo fazer a caracterização do aluno, conhecer o grau académico dos pais e a fazer a caracterização da prática desportiva extracurricular (frequência e tempo de prática por dia e por semana). No final é perguntado ao aluno sobre os seus hábitos e locais de estudo.

Utilizámos as pautas de avaliação do 2º período letivo para encontrarmos a média das diferentes disciplinas e levámos em conta essa média final de período, como base do rendimento escolar dos alunos de todas as disciplinas.

3.4-Procedimentos

3.4.1-Operacionais

Após a seleção da escola, contactámos o órgão de gestão para pedido de autorização (anexo II) para utilização das pautas escolares e aplicação dos questionários. Foi também solicitada autorização aos encarregados de educação (anexo III) e procedeu-se à recolha de dados.

Dirigimo-nos a cada turma durante a aula de educação física. Foram explicados aos alunos os objetivos e os propósitos do estudo. Foi ainda esclarecido a todos o que se entendia por atividades desportivas extracurriculares no sentido de não haver dúvidas e más interpretações do conceito. Foi-lhes pedido para lerem com atenção as questões colocadas e dada a possibilidade de colocarem dúvidas. Depois foi-lhes entregue o questionário e a investigadora circulou pelo espaço (ginásio) no sentido de tirar as dúvidas decorrentes do preenchimento.

3.4.2-Estatísticos

Para a análise dos dados recolhidos, utilizámos o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®) versão 19.0 for Windows® e procedemos ao tratamento estatístico dos dados relativos a todas as informações constantes no questionário.

De modo a cumprir os objetivos e também caracterizar a amostra em estudo, utilizámos técnicas de estatística descritiva, nomeadamente as frequências (absolutas e relativas), valores médios, máximos e mínimos e o desvio padrão. Tendo em consideração a dimensão da amostra ($n=340$) e após realização do teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilks, para avaliação da normalidade da distribuição dos dados, recorreremos a técnicas estatísticas paramétricas e não paramétricas consoante a existência ou não de uma distribuição normal dos dados.

Para medirmos a intensidade e a direção da associação entre as variáveis ordinais em estudo recorreremos à análise correlacional, utilizando para o efeito o coeficiente de correlação Ró de Spearman o qual não é sensível a assimetrias na distribuição, não exigindo que os dados provenham de duas amostras com distribuição normal (Pestana & Gageiro, 2000).

O teste de Qui-quadrado (*Chi Square* χ^2) e a análise dos resíduos ajustados estandardizados permitiram-nos analisar a relação de independência entre variáveis,

informando-nos o χ^2 se existia ou não relação entre as variáveis, enquanto os resíduos ajustados nos indicaram as células com comportamentos diferentes do habitual, do esperado, da média (Pestana & Gageiro, 2000). Sempre que se verificou a existência de mais de 20% das células com frequência esperada inferior a 5 unidades recorremos ao teste de Monte-Carlo (Maroco, 2003). Utilizámos igualmente o teste Fisher no caso da análise se aplicar a tabelas de 2 X 2.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Numa primeira fase são apresentados os resultados referentes à análise descritiva da amostra em termos de idade, ano de escolaridade, local de residência e grau académico dos pais, comparando estes valores entre os dois géneros. Posteriormente, segue-se a apresentação das distribuições e associações dos indivíduos relativamente à prática de atividade física extracurricular, em função do género e tempo dedicado ao estudo.

4.1- Descrição Global da Amostra

4.1.1-Prática desportiva extracurricular

Consideramos aqui, todos os alunos que disseram praticar atividades desportivas fora do horário letivo, quer em clube quer no desporto escolar, sob a orientação de um treinador, professor ou monitor e de forma regular.

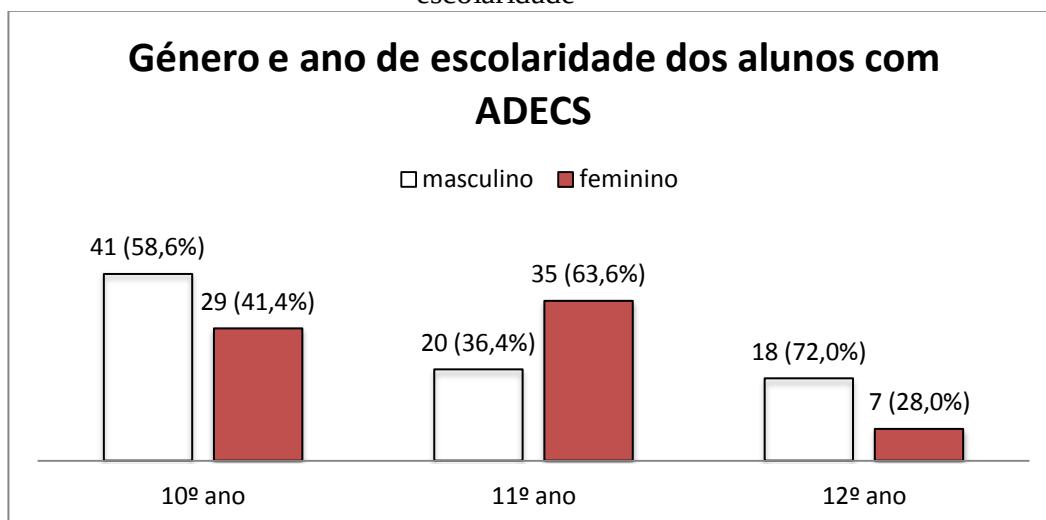
Assim, verificamos que nesta escola, 46,5% (N=158) dos alunos dos cursos científico-humanísticos praticam atividades desportivas extracurriculares e que 55,9% (N=182) não praticam qualquer atividade desportiva fora do horário letivo (extracurricular). Portanto, mais de metade dos alunos da escola não pratica qualquer atividade desportiva extracurricular.

Se distinguirmos por género, o total de alunos que participa em atividades desportivas extracurriculares, verificamos que a distribuição é quase equitativa mas com um número um pouco superior do género masculino (Nm =79, 52,7%) do que do género feminino (Nf =71, 47,3%). Portanto, dos alunos da nossa amostra, que praticam atividades desportivas extracurriculares, um pouco mais de metade são rapazes.

Dos alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares, verifica-se que a participação nos grupos-equipas de desporto escolar (nesta ou noutra escola) é muito reduzida (N=21, 14%). Quando fazemos a distinção por género voltamos a encontrar uma participação superior dos rapazes (Nm=12, 57,1%) em relação às raparigas (Nf=9, 42,9%).

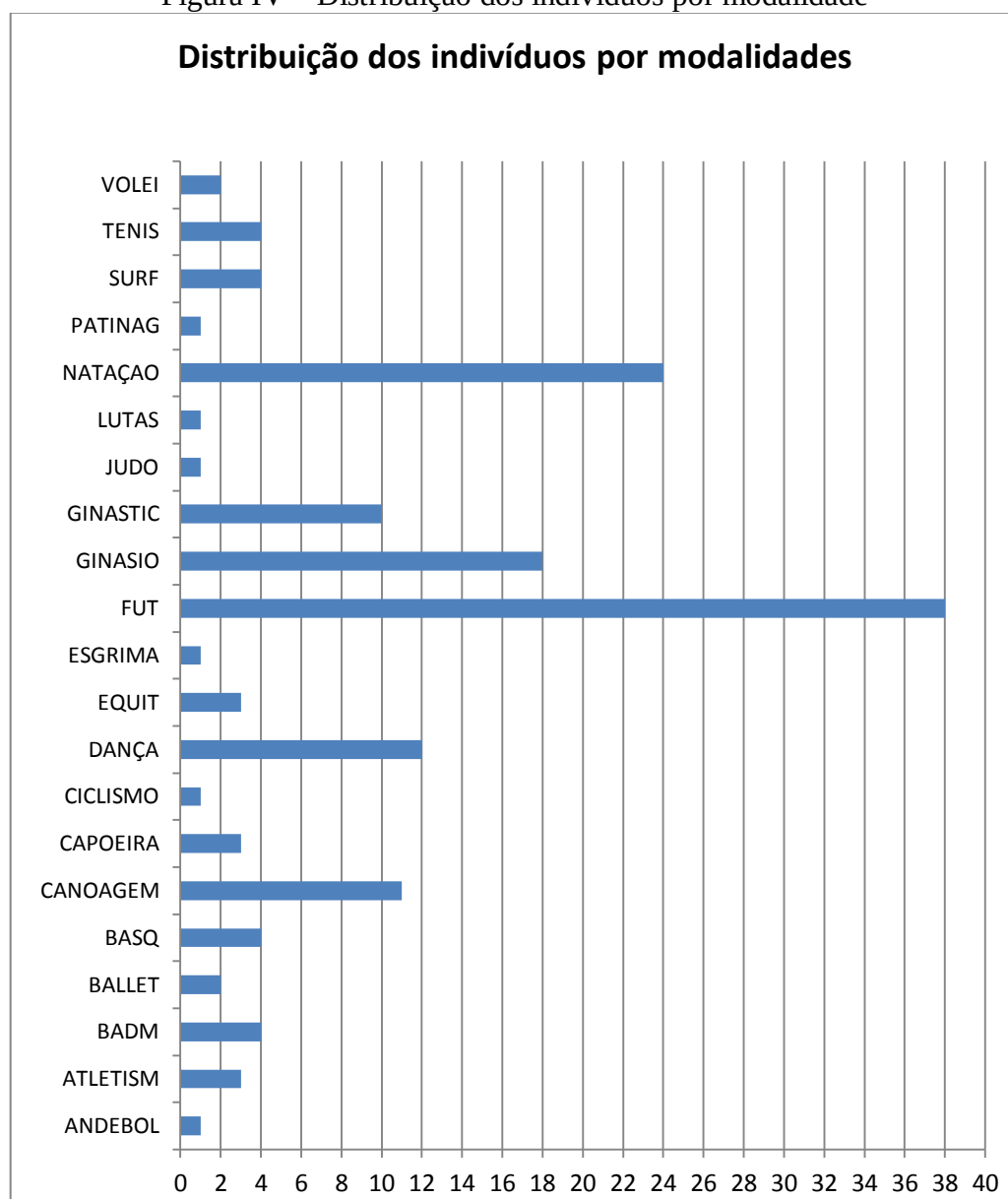
Se analisarmos pelo ano de escolaridade, verificamos pela figura III, que a prática de atividades desportivas extracurriculares diminui à medida que aumenta o ano de escolaridade, com um decréscimo de participação total ao longo dos três anos de escolaridade. No entanto, se distinguirmos por género, em cada ano de escolaridade, verificamos que no 10º e 12º ano o número de rapazes é superior ao número de raparigas mas no 11º ano há mais raparigas com ADECS do que rapazes e verifica-se também que o número de praticantes do género feminino aumenta do 10º para o 11º ano de escolaridade embora volte a reduzir muito no 12º ano (figura III).

Figura III - Distribuição dos indivíduos com ADECS por género e ano de escolaridade



Verifica-se que existe uma variedade muito grande de modalidades desportivas praticadas pelos alunos desta escola secundária (22 atividades diferentes) (figura IV). As modalidades com maior número de alunos praticantes são: o futebol (N= 38), seguido da natação (N= 24), pelas atividades de ginásio (N= 18), a dança (N=12), a canoagem (N=11) e a ginástica (N=10).

Figura IV – Distribuição dos indivíduos por modalidade



Quando inquiridos sobre a frequência da prática dessas atividades, a maior parte dos alunos pratica 2 a 3 vezes por semana (N=76, 50,7%), seguido de uma frequência de 4 a 6 vezes (N= 42, 28,0%), 1 vez por semana (N=19, 12,7%) e por fim, 11 alunos (7,3%) disseram treinar todos os dias. Dois alunos (1,3%) não responderam à questão como se pode observar na tabela 3.

Tabela 3 - Frequência da prática desportiva extracurricular

		Frequência	Percentagem
Valid	Uma vez/semana	19	12,7
	2 a 3 vezes/semana	76	50,7
	4 a 6 vezes/semana	42	28,0
	todos os dias	11	7,3
	Total	148	98,7
Missing System		2	1,3
Total		150	100,0

Quase metade dos alunos, que disseram praticar atividades desportivas extracurriculares, são federados (N =67, 44,7%) e um pouco mais de metade dos alunos inquiridos praticantes de atividades desportivas fora do horário escolar não são federados (N=83, 55,3%),

Se distinguirmos por género volta-se a confirmar a maior incidência do género masculino (Nm =47, 70,1%) comparativamente ao género feminino (Nf =20, 29,9%). Há mais rapazes praticantes de atividades desportivas extracurriculares federados do que raparigas.

4.1.2- Tempo de treino das atividades desportivas extracurriculares (clube ou DE)

O tempo semanal dedicado aos treinos destas atividades desportivas extracurriculares é, em termos médios de 5,86h (Sd=2,02). O tempo semanal de treino, em clube ou desporto escolar, centra-se sobretudo, nas sete ou mais horas (N= 47, 31,3%), seguido de seis horas por semana (N= 27, 18%). Verifica-se que os alunos que despendem uma hora ou menos por semana com estas atividades são um número muito reduzido (N= 5, 3,4%), como se pode analisar na tabela 4.

Tabela 4 – tempo semanal de treino

	Frequência	Percentagem
menos de uma hora	1	0,7
aproximadamente 1h	4	2,7
aproximadamente 2h	18	12,0
aproximadamente 3h	16	10,7
aproximadamente 4h	18	12,0
aproximadamente 5h	19	12,7
aproximadamente 6h	27	18,0
7h ou mais	47	31,3
Total	150	100,0

Se analisarmos o tempo diário dedicado ao treino, verifica-se que mais de metade dos alunos dedicam aproximadamente duas horas por dia ao treino ($n=88$, 58,7%), seguido de uma hora diárias ($N=31$, 20,7%), de três horas diárias ($N=20$, 13,3%), apenas 7 alunos (4,7%) dedicam 4 horas por dia ao treino e por fim, 4 alunos (2,7%) dedicam menos de uma hora por dia à prática de ADECS, como se pode verificar na tabela 5. Em média, os alunos desta amostra treinam por dia, cerca de 2,95 horas ($Sd=0,811$).

Tabela 5 - Tempo diário de treino

	Frequência	Percentagem
menos de uma hora	4	2,7
aproximadamente 1h	31	20,7
aproximadamente 2 horas	88	58,7
aproximadamente 3 horas	20	13,3
aproximadamente 4 h	7	4,7
Total	150	100,0

4.1.3. Tempo e local de estudo

Quando inquiridos sobre o tempo diário dedicado ao estudo, verifica-se que a maioria dos alunos dedica cerca de uma hora (N=111, 32,6%) ou menos de uma hora por dia (N=122, 35,9%) ao mesmo. O que significa que mais de metade dos alunos inquiridos estuda uma hora ou menos por dia (tabela 6).

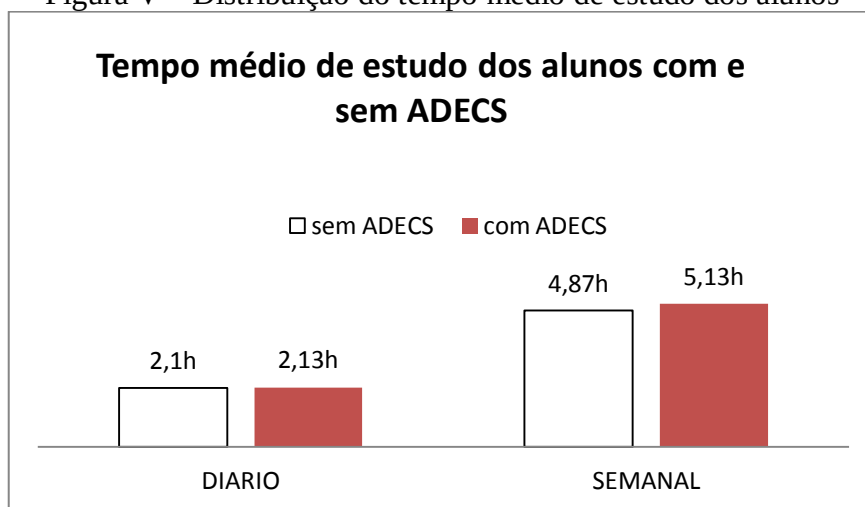
Tabela 6 - Tempo diário de estudo		
	Frequência	Percentagem
menos de 1h	111	32,6
aproximadamente 1h	122	35,9
aproximadamente 2h	74	21,8
aproximadamente 3h	24	7,1
4h ou mais	9	2,7
Total	340	100,0

Se analisarmos o tempo semanal dedicado aos estudos, percebemos que a maioria diz estudar também apenas uma hora ou menos por semana, seguido de duas horas semanais e depois existe um grupo de alunos que diz estudar sete ou mais horas por semana. Um dos alunos não respondeu à questão (tabela 7).

Tabela 7 – Tempo semanal dedicado aos estudos		
	Frequência	Percentagem
menos de 1h	20	5,9
aproximadamente 1h	28	8,2
aproximadamente 2h	35	10,3
aproximadamente 3h	58	17,1
aproximadamente 4h	45	13,2
aproximadamente 5h	54	15,9
aproximadamente 6h	51	15,0
7h ou mais	48	14,1
Total	339	99,7
Missing System	1	0,3
Total	340	100,0

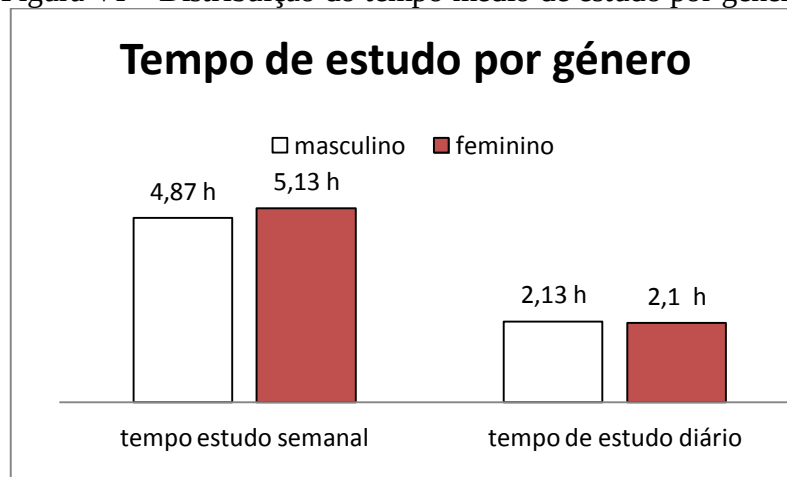
Se compararmos a média do tempo de estudo diário e semanal, dos alunos que têm prática desportiva extracurricular dos que não têm, verificamos que são muito semelhantes (figura V). O tempo médio diário e semanal dos dois grupos é quase o mesmo. O tempo médio de estudo diário dos alunos com ADECS é de 2,13 horas e dos alunos sem ADECS é de 2,10 horas. Quanto ao tempo de estudo semanal, a média é de 4,18 horas para o grupo de alunos com ADECS e de 5,13 horas para o grupo de alunos sem ADECS. Há até, valores médios de tempo de estudo superiores para os alunos com ADECS.

Figura V – Distribuição do tempo médio de estudo dos alunos



Se distinguirmos por género (figura VI), verificamos que tanto o tempo de estudo diário como o tempo de estudo semanal, despendido pelos alunos no estudo é muito idêntico entre os dois grupos (rapazes e raparigas).

Figura VI – Distribuição do tempo médio de estudo por género



Quanto ao local onde os alunos habitualmente estudam, verifica-se que uma grande maioria (N=330, 97,1%), estuda em casa. Uma minoria de alunos desta escola, estuda na explicação (N= 50, 14,7%) ou na escola (N=52, 15,3%). Portanto, a casa é o local de eleição para a grande maioria dos alunos da nossa amostra.

4.1.4. Tipo de curso

Quando distinguimos os alunos com ADECS pelo tipo de curso que frequentam, verificamos que 46,7% (N=70) estudam nos cursos de Línguas e Humanidades e 53,3% (N=80) estudam nos cursos de Ciências e tecnologias.

Nos cursos de Línguas e Humanidades estudam, nesta escola, mais raparigas do que rapazes (Nf=41, 58,6% e Nm= 29, 41,4% respetivamente) e nos cursos de Ciências e Tecnologias verifica-se o contrário (Nf =50, 62,5% e Nm =79, 52,7%).

Quando se distingue pelo tipo de curso frequentado, verifica-se que nos cursos de Humanidades há mais raparigas com prática desportiva extracurricular do que nos cursos de Ciências e Tecnologias (tabela 8).

Tabela 8 – Distribuição do género pelo tipo de curso dos alunos com ADECS					
	Ciências		Línguas		TOTAL
	Tecnologias	%	Humanidades	%	
masculino	50	62,5	29	41,4	79
feminino	30	37,5	41	58,6	71
Total	80	100,0	70	100,0	150

4.1.5. Resultados escolares

Analisando a variável rendimento escolar, verificamos que, considerando todos os alunos que constituem a amostra, a média das classificações por eles obtida é de 13,368 (+/- 2,20) valores, o valor mínimo de 8,80 valores e o máximo de 18,80 valores.

Trata-se de um valor médio que não se afasta muito do valor obtido quando considerados os alunos praticantes versus não praticantes de atividades desportivas extracurriculares, sendo a média das classificações do primeiro grupo (alunos com ADECS) de 13,29 (+/-2,26) e o valor mínimo de 8,28 valores e máximo de 18,80 valores e a média das

classificações do segundo grupo (alunos sem ADECS) de 13,42 valores (+/- 2,16). O valor mínimo de 8,28 valores e o valor máximo deste grupo, de 18,00 valores.

Como se pode ver os valores mínimos são semelhantes nos dois grupos e os valores máximos também são muito próximos (tabela 9) .

Tabela 9 – Resultados escolares da amostra total, com ADECS e sem ADECS

	Resultados escolares	Desvio-padrão	mínimo	máximo	N
Amostra total	13,368	2,20	8,28	18,80	340
Com ADECS	13,294	2,26	8,28	18,80	150
Sem ADECS	13,426	2,16	8,28	18,00	190

4.1.6. Grau académico dos pais

Quando se analisa o grau académico dos progenitores dos alunos com ADECS, verifica-se que os pais têm níveis de escolaridade mais baixos do que as mães que apresentam níveis de escolaridade mais elevados (figura VII).

Resultados idênticos encontramos quando analisamos o grau académico dos progenitores dos alunos sem ADECS. Também neste grupo o grau académico das mães é superior ao dos pais. Neste grupo verifica-se que mais de 50% dos pais tem apenas escolaridade até ao final do 3º ciclo. (figura VIII)

O grau académico dos progenitores dos alunos com prática de ADECS é superior ao grau académico dos progenitores do grupo de alunos sem ADECS.

Figura VII – Distribuição do grau académico dos pais dos alunos com ADECS

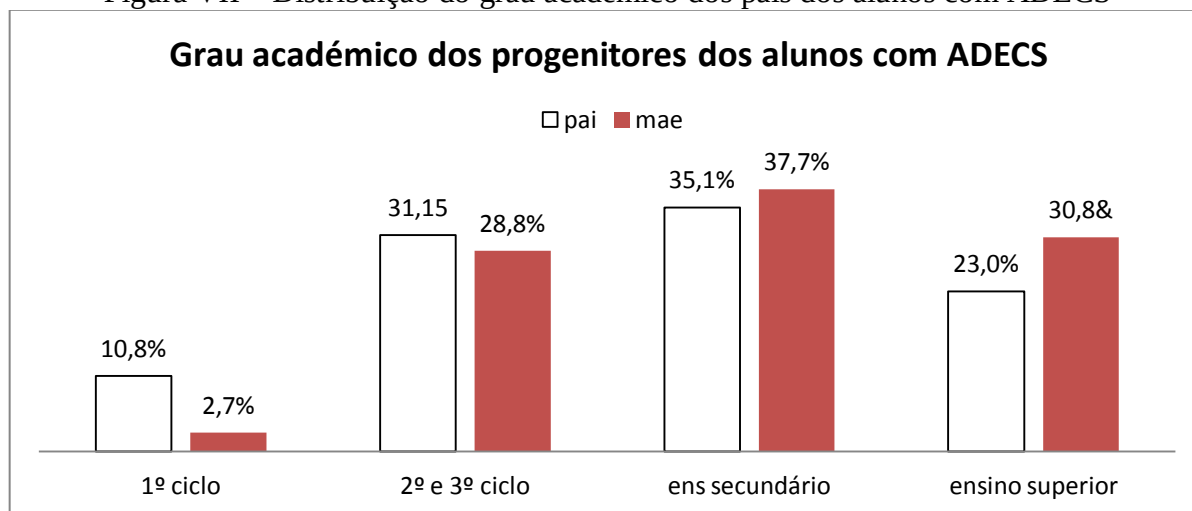
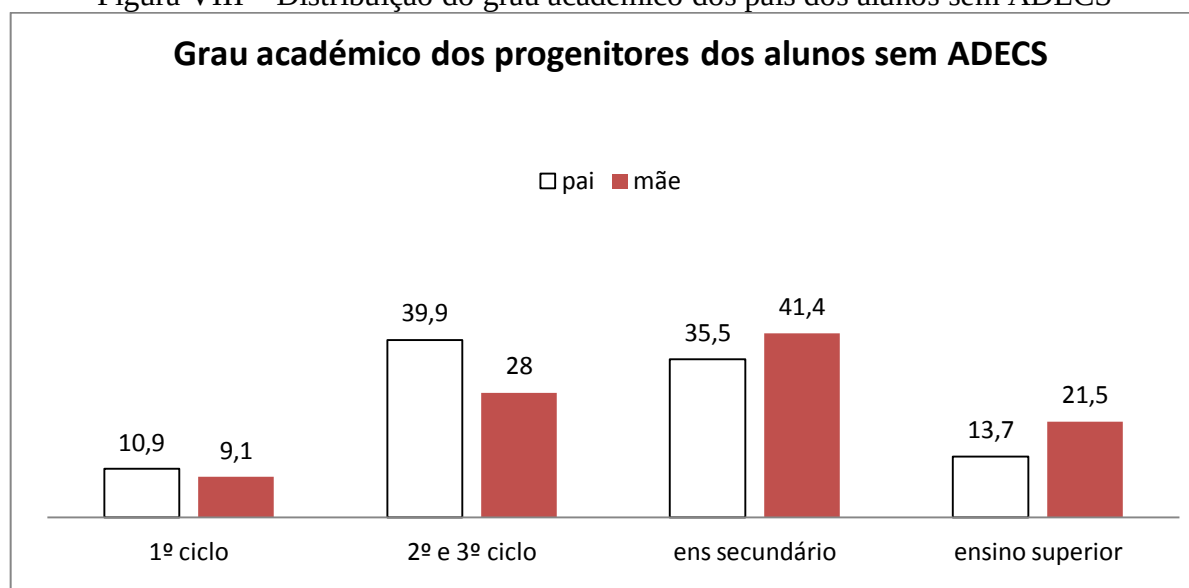


Figura VIII – Distribuição do grau académico dos pais dos alunos sem ADECS



4.2.- ANÁLISE CORRELACIONAL

Procedendo à análise das relações existentes entre as diferentes variáveis, as quais foram obtidas através do cálculo do coeficiente de correlação de Spearman (anexo I – amostra com ADECS e anexo II – amostra sem ADECS), procuramos de seguida, verificar se existem correlações estatisticamente significativas entre as variáveis da nossa amostra (grau de significância inferior a 0,05). As medidas de associação (ou designadas por coeficientes de correlação) quantificam a intensidade e direção da associação entre as variáveis. O coeficiente de correlação usado por nós foi o de Spearman que é uma medida não paramétrica de variáveis ordinais e que não exige nenhum pressuposto sobre a forma de distribuição das variáveis (Maroco, 2003).

4.2.1.-Rendimento escolar

De seguida, iremos apresentar as associações encontradas entre o rendimento escolar e as diversas variáveis em estudo.

4.2.1.1- Rendimento escolar, ano de escolaridade e tempo de estudo semanal

Verificámos que existe uma relação estatisticamente significativa entre o rendimento escolar dos alunos com atividades desportivas extracurriculares com o ano de escolaridade (Coef. Spearman = 0,236; Sig. = 0,004) e também com o tempo de estudo semanal (Coef. Spearman = 0,268; Sig. = 0,001); o que significa que à medida que os alunos transitam de ano, a média das classificações das disciplinas é superior e o tempo dedicado aos estudos, por semana é maior (tabela 10). Os alunos do 12º ano têm médias escolares mais elevadas e dedicam mais tempo ao estudo por semana, quando comparados com o 10º e o 11º ano de escolaridade.

Quando se analisam os alunos sem essas atividades (tabela 11) verifica-se que os resultados escolares destes alunos também se relacionam com o ano de escolaridade (Coef. Spearman = 0,351; Sig. = 0,000); portanto à medida que se avança no ano de escolaridade os resultados escolares são melhores, mas quando se analisam os resultados, destes alunos com o tempo de estudo já não encontramos relação, ou seja os resultados escolares dos alunos que

não têm ADECS, não têm nenhuma relação com o tempo de estudo semanal, o que não acontece na análise feita anteriormente para os alunos com prática dessas atividades.

Tabela 10 – Rendimento escolar, ano de escolaridade e tempo de estudo semanal dos alunos com ADECS

		Ano de escolaridade	Tempo de estudo semanal
Resultados escolares	Coef. Correlação	0,236**	0,268**
	Sig.	0,004	0,001
p<0,01			

Tabela 11 – Rendimento escolar, ano de escolaridade e tempo de estudo semanal dos alunos sem ADECS

		Ano de escolaridade	Tempo de estudo semanal
Resultados escolares	Coef. Correlação	0,351**	0,103
	Sig.	0,000	0,158
p<0,01			

4.2.1.2- Rendimento escolar e grau académico dos pais

Quanto ao grau académico dos progenitores verifica-se, pela tabela 12, que se relacionam positivamente com os resultados escolares obtidos pelos alunos sem prática de atividades desportivas extracurriculares.

Verifica-se um valor Sig. = 0,044 e Coeficiente de Spearman = 0,149 para o pai e Coef. Spearman = 0,145 e valor Sig. = 0,048 para a mãe.

Quanto maior o grau académico dos progenitores maior é o rendimento escolar dos filhos sem prática de atividades desportivas extracurriculares.

Tabela 12 - Grau académico dos pais e resultados escolares dos alunos sem ADECS

		Grau académico pai	Grau académico mãe
Resultados	Coef. Correlação	0,149*	0,145*
escolares	Sig.	0,044	0,048
		p<0,05	

Quando analisamos o rendimento escolar dos alunos com atividades desportivas extracurriculares e o grau académico dos seus progenitores, verificamos, pela tabela 13, que existe apenas uma correlação entre o grau académico do pai e o rendimento escolar dos alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares (Coef. Spearman = 0,309; Sig. = 0,000). O que significa que quanto maior for o grau de escolarização do pai maior é o rendimento escolar dos seus filhos.

O mesmo já não acontece com a mãe. O grau académico das mães não se relaciona com o rendimento escolar dos seus filhos com ADECS (Coef. Spearman = 0,136; Sig= 0,101).

Tabela 13 - Grau académico dos pais e resultados escolares dos alunos com ADECS

		Grau académico pai	Grau académico mãe
Resultados	Coef. Correlação	0,309**	0,136
escolares	Sig.	0,000	0,101
		p<0,01	

Portanto, o grau académico dos progenitores tem um comportamento diferente quando se analisam os dois grupos de alunos em estudo. Se este se relaciona positivamente com os alunos sem ADECS (ambos os progenitores), quando se analisa o grupo com ADECS apenas o grau académico dos pais (e não das mães) apresenta uma relação estatística.

4.2.2.-Tempo de treino semanal ou diário

Verificamos que não existem relações estatísticas entre o tempo de treino semanal e o tempo de treino diário com qualquer outra variável estudada (anexo I).

É de destacar que não existe relação entre o tempo de treino e o tempo de estudo. Portanto, o tempo que os alunos dedicam ao treino não tem qualquer relação com o tempo que estes alunos dedicam ao estudo.

4.3. – ANÁLISE INFERENCIAL

Seguidamente, faremos a análise dos resultados anteriormente apresentados, tendo em conta os sujeitos da amostra e de acordo com cada uma das variáveis independentes que integram as hipóteses de estudo.

4.3.1- Resultados escolares

Esta variável foi a única que apresentava normalidade e como tal, utilizou-se as técnicas paramétricas (teste t).

4.3.1.1- Resultados escolares e ADECS

Como podemos verificar pela tabela 14 em baixo apresentada, ao compararmos os resultados escolares dos alunos com e sem atividades desportivas extracurriculares, os resultados são muito semelhantes e verifica-se que não existem diferenças significativas entre estes dois grupos ($t=0,545$, $\text{sig} = 0,585$).

Tabela 14 - Resultados escolares dos alunos com e sem ADECS				
Rendimento				
ADECS	escolar	Sd	SIG	t
Sim	13,2948	2,26283		
Não	13,4267	2,16712	0,585	-0,546

Se tivermos em conta apenas os alunos com ADECS e distinguirmos aqueles que são federados dos que não são, verificamos que os resultados escolares também não apresentam diferenças significativas ($t=1,948$, $\text{sig}=0,744$) (tabela 15).

Tabela 15 – Resultados escolares dos alunos federados e não federados					
Resultados					
	N	escolares	Sd	Sig	t
Federado	67	12,8979	2,27380		
				0,744	1,948
Não federado	83	13,6152	2,21589		

4.3.1.2- Resultados escolares e ano de escolaridade

Quando analisamos os resultados escolares pelo ano de escolaridade (tabela 16), verificamos que a média das classificações dos alunos aumenta ao longo dos três anos. Pela tabela 17 verificamos que as diferenças dos resultados escolares obtidos por estes alunos, nos diferentes anos de escolaridade, são significativas.

Tabela 16 - Resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos com ADECS

	Resultados				
	N	escolares	Sd	Mínimo	Máximo
10º ano	70	12,8364	2,21686	8,28	17,57
11ºano	55	13,2813	2,16765	10,14	18,00
12º ano	25	14,6080	2,16293	11,20	18,80
Total	150	13,2948	2,26283	8,28	18,80

Tabela 17 – Análise inferencial dos resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos com ADECS

		Mean Difference	Sig.
10º ano	11ºano	-0,44484	0,531
	12º ano	-1,77157*	0,003
11ºano	10º ano	0,44484	0,531
	12º ano	-1,32673*	0,046
12º ano	10º ano	1,77157*	0,003
	11ºano	1,32673*	0,046

Para os dois grupos analisados (com e sem ADECS) verificam-se diferenças significativas entre o 10º e 12º ano e entre o 11º e o 12º ano de escolaridade. O comportamento é idêntico para os dois grupos de alunos.

Estes resultados são idênticos quer quando se analisam só os alunos com prática de ADECS quer quando se analisa o grupo de alunos sem ADECS (tabelas 18 e 19). Nos dois grupos as diferenças são significativas, portanto as médias escolares melhoram ao longo dos 3

anos de escolaridade quer para os alunos que treinam quer para os alunos que não têm atividades desportivas extracurriculares.

Tabela 18 - Resultados escolares dos alunos sem ADECS

Ano de escolaridade	N	Média	Sd	Mínimo	Máximo
10º ano	82	12,665	2,07419	8,28	18,00
11º ano	62	13,472	1,99027	9,71	17,14
12ºano	46	14,721	1,95936	10,80	18,00
total	190	13,426	2,16712	8,28	18,00

Tabela 19 - Análise inferencial dos resultados escolares por ano de escolaridade dos alunos sem ADECS

		Mean	
		Difference	Sig.
10º ano	11ºano	-0,80624	0,063
	12º ano	-2,05589*	0,000
11ºano	10º ano	0,80624	0,063
	12º ano	-1,24964*	0,007
12º ano	10º ano	2,05589*	0,000
	11ºano	1,24964*	0,007

4.3.1.3- Resultados escolares e género

Quando analisamos resultados escolares dos alunos que praticam ADECS e os distinguimos por género, verificamos que não existem diferenças significativas ($t = -0,340$ sig= 0,868).

Se compararmos os resultados dos alunos do género masculino e feminino com ADECS, verificamos que são muito semelhantes. Através da análise inferencial e após a verificação da normalidade, podemos concluir que não existem diferenças significativas entre estas duas variáveis ($t=-1,065$ sig=0,765), portanto, não existem diferenças significativas nos resultados escolares entre os dois géneros dos alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares (tabela 20).

O mesmo se passa quando analisamos apenas os alunos que não praticam atividades desportivas extracurriculares. Não existem diferenças entre os géneros nesse grupo de alunos.

Conclui-se então, que o género não é fator discriminatório na obtenção de melhores resultados em qualquer um dos grupos em estudo.

Tabela 20 – Resultados escolares por género

	género	N	Média	Sd	SIG	t
SEM ADECS	masculino	62	13,1861	2,13699		
	feminino	128	13,5432	2,18030	0,765	-1,065
COM ADECS	masculino	79	13,2351	2,30024	0,868	-0,340
	feminino	71	13,3613	2,23491		

Na análise das variáveis que se seguem, como não apresentam uma distribuição normal, vamos utilizar as técnicas não paramétricas.

4.3.2-Tipo de curso

Quando comparamos as diferentes áreas de estudo existentes nesta amostra, verificamos que existem mais alunos de ciências e tecnologias a praticarem atividades desportivas extracurriculares do que alunos de línguas e humanidades. Mas as diferenças encontradas não têm significado estatístico (sig=0,518) (tabela 21).

Tabela 21 – ADECS e tipo de curso

	Exact Sig.	Exact Sig.
	(2-sided)	(1-sided)
Teste Fisher	1,000	0,518

(Nesta análise utilizou-se o teste Fisher por se tratar de uma tabela 2x2)

Se distinguirmos pelo género, verificamos que as diferenças já têm significado estatístico (Sig= 0,014) (tabela 22). As raparigas praticam menos ADECS do que os rapazes. Nas turmas dos cursos de Línguas e Humanidades existem mais raparigas do que rapazes, e estas praticam menos atividade desportiva extracurriculares.

Tabela 22 - Tipo de curso e género dos alunos com ADECS

	Exact Sig.	Exact Sig.
	(2-sided)	(1-sided)
Teste Fisher	0,14	0,08

(Nesta análise utilizou-se o teste Fisher por se tratar de uma tabela 2x2)

4.3.3-Tempo de estudo

Em relação ao tempo de estudo diário e semanal, não existem diferenças significativas entre os grupos estudados ou seja, nem entre os alunos com ADECS nem entre os alunos sem prática de ADECS, verificando-se um valor de $\chi^2 = 5,409$, sig=0,254 para o tempo de estudo diário e $\chi^2 = 4,194$, sig=0,757 para o tempo de estudo semanal (tabela 23). O tempo despendido com os estudos pelos alunos que praticam ou não praticam ADECS não é muito diferente e não tem significado estatístico.

Tabela 23 - Tempo de estudo diário e semanal dos alunos com e sem ADECS

	χ^2	SIG
Tempo de estudo diário	5,409	0,254 a)
Tempo de estudo semanal	4,194	0,757

a) 1 cells (10,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,97.

Quando discriminamos os alunos federados dos alunos não federados, verificamos que também não existem diferenças no tempo de estudo diário e semanal entre estes dois grupos, apresentando-se um valor de Monte Carlo =1,225, sig=0,886 para o estudo diário e $\chi^2 = 11,346$, sig=0,124 para estudo semanal (tabela 24).

Tabela 24 – Tempo de estudo diário e semanal dos alunos com ADECS federados e não federados

	Monte Carlo/ χ^2	SIG	
Tempo de estudo diário	1,225	0,878	a)
Tempo de estudo semanal	11,346	0,124	

a) 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,79 (Monte Carlo)

4.3.4- Tempo de treino diário e semanal

Não existem diferenças estatísticas entre o tempo de treino semanal e o género (Monte Carlo =19,202; sig=0,05) e não existem diferenças significativas quando se compara com o tempo de treino diário (Monte Carlo =8,313 e, sig=0,77) (tabela 25). As raparigas utilizam menos tempo por semana para dedicar ao treino do que os rapazes mas esta diferença não tem significado estatístico.

Tabela 25 - Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS e género

	Monte Carlo	SIG	
Tempo de treino			
diário	8,313	0,77	a)
Tempo de treino	19,202	0,04	
semanal			

a). 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,89.

Não se verificam diferenças quando analisamos por ano de escolaridade (tabela 26). O tempo de treino semanal é mais reduzido ao longo da escolaridade mas estas diferenças não têm significado estatístico (Monte Carlo= 13,867, sig= 0,482). O mesmo se passa com o tempo de treino diário (Monte Carlo =12,106, sig=0,144).

Tabela 26 – Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS por ano de escolaridade

	Monte Carlo	SIG	
Tempo de treino diário	12,106	0,144	a)
Tempo de treino semanal	13,867	0,482	

a) 7 cells (46,7%) have expected count less than 5.

Quando analisamos o tempo de treino dos alunos federados e dos alunos não federados (tabela 27), verificamos que existem diferenças significativas (Monte Carlo =24,872, sig=0,000) para o tempo de treino diário e também existem diferenças significativas para o tempo de treino semanal (Monte Carlo=27,931; sig=0,00).

O que é bem perceptível pois o volume de treino de quem tem prática desportiva de competição é supostamente superior daqueles alunos cuja atividade desportiva não é de competição.

Tabela 27 - Tempo de treino diário e semanal dos alunos com ADECS federados e não federados

	Monte Carlo	SIG
Tempo de treino diário	24,872	0,000 a)
Tempo de treino semanal	27,931	0,000

a) 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,79.

4.3.5- Grau académico dos pais

Analisando os resultados, verificamos que não existem diferenças significativas entre os alunos com e sem ADECS e o grau académico do pai ($\chi^2=-5,751$ e sig=0,124) mas existem diferenças dos alunos com e sem ADECS e o grau académico da mãe ($\chi^2=0,835$, sig=0,039). Os alunos com ADECS têm mães com maior grau académico comparativamente com os alunos sem a prática destas atividades (tabela 28).

Tabela 28 – Grau académico dos pais dos alunos com e sem ADECS

	SIG	χ^2
Grau académico do pai	0,124	5,751 a)
Grau académico da mãe	0,039	0,835

a) 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 16,10

Quando distinguimos o grau académico dos progenitores dos alunos federados dos alunos não federados, verificamos que não existem diferenças significativas entre os dois grupos, nem com o grau académico do pai ($\chi^2=1,562$, sig=0,668) nem com o grau académico da mãe (Monte Carlo=1,300, sig=0,759). Portanto, o grau académico dos pais dos alunos com atividades desportivas extracurriculares não se apresenta discriminatório quando consideramos o carácter federativo destes alunos (tabela 29).

Tabela 29 – Grau académico dos pais dos alunos federados e não federados

	SIG	χ^2 /Monte Carlo
Grau académico do pai	0,668	1,562 a)
Grau académico da mãe	0,759	1,300

a) 0 cells (0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,14.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por base a análise dos resultados, propomo-nos agora fazer uma discussão dos mesmos comparando-os com as conclusões apresentadas pelos vários autores que referenciámos anteriormente.

No intuito de organizarmos e compreendermos melhor os resultados que obtivemos com as hipóteses que colocámos, apresentamos e confrontamos os resultados com as hipóteses individualmente. Inicialmente, confrontamos os resultados da nossa amostra com os dados nacionais e de outros estudos.

Relativamente à caracterização da nossa amostra verificámos que cerca de 44% dos alunos da escola pratica atividades desportivas extracurriculares e cerca de 56% não pratica.

Estes valores são superiores aos dados obtidos no estudo da população portuguesa de Marivoet (2001). Os índices de participação desportiva dos adolescentes portugueses (43%) é inferior aos nossos dados (34%), o que significa que o índice de participação desportiva da escola está acima dos dados nacionais mas ainda não chega sequer a 50%.

Quase metade dos alunos, praticantes de atividades desportivas extracurriculares, são do género feminino. Número muito afastado do relatório da autarquia (2008) que apresenta uma participação feminina muito mais reduzida. No entanto, o facto dos alunos do género feminino terem uma participação mais reduzida do que os alunos do género masculino vem de encontro aos dados apresentados a nível nacional (Marivoet, 2001). Estes resultados também vêm de encontro com a literatura encontrada, nomeadamente com Almeida (2007), Matos, Carvalhosa & Diniz (2002) e Mota & Sallis (2002) onde se salientam índices de atividade desportiva do género feminino inferiores ao género masculino.

As modalidades mais praticadas pelos alunos desta escola são o futebol e a natação, tal como o relatório da autarquia de Portimão (2008) indica e o estudo de Marivoet (2001).

Estes resultados também vêm de encontro aos resultados do estudo de Guerra (2009), onde se verifica serem estas as modalidades mais praticadas pela amostra do seu trabalho.

O número de alunos praticantes destas atividades de forma federada é idêntico ao número apontado pela autarquia (2008) e muito superior aos dados nacionais (Marivoet, 2001). Destes alunos federados, a maior parte é do género masculino, o que também vem de encontro aos dados da mesma autora (Marivoet, 2001) que mostra que há uma predominância do género masculino no desporto federado.

O número de alunos que pratica estas atividades vai diminuindo ao longo da escolaridade. Resultados idênticos aos apresentados por Vasconcelos & Maia (2001) e Loureiro (2011). No nosso estudo verifica-se um decréscimo dos índices de participação desportiva ao longo da escolaridade, vimos anteriormente que durante a adolescência o fenómeno de abandono desportivo é uma realidade existente e estudada (Bento, 2004; Vasconcelos & Maia, 2001, Telama & Yang, 2000; Mota & Sallis, 2002). Todos estes autores mostram que a participação desportiva vai diminuindo ao longo da adolescência e ao longo da escolaridade.

A participação no desporto escolar é muito reduzida. Os valores apresentados estão próximos dos encontrados por Marques (2010) mas são ainda inferiores. A participação nos grupo-equipas é livre e facultativa, não obriga a participar em competições e pode ser feita na própria escola, tudo fatores que deveriam contribuir para uma maior participação desportiva.

A escola em estudo, oferece três núcleos de DE o que por si pode ser um leque reduzido de modalidades. No entanto, oferece a modalidade mais praticada pelos alunos (futebol) o que poderia ser um incentivo à participação dos mesmos. A participação em grupos da escola fora do horário letivo pode ajudar a uma melhor integração na escola e tal como Freire (2010) refere, a participação no grupos de DE pode ajudar a obter melhores resultados escolares. É de todo o interesse as escolas aumentarem o seu leque de ofertas no sentido de aumentarem a participação dos seus alunos nas atividades que as escolas oferecem.

De acordo com os resultados obtidos podemos concluir que a hipótese 1 foi rejeitada uma vez que verificámos que não existem diferenças significativas nos resultados escolares entre os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares e os que não as praticam.

Estes resultados não vêm de encontro com os estudos de Freire (2010), Blomfield & Barber (2010), Almeida & Nogueira (2002), Gerber (1996), Peixoto (2003), Castelli, Hillman, Buck & Erwin (2007), Simão (2005) e Bento & Pereira (1999), que concluíram que os alunos com atividades extracurriculares têm rendimentos escolares superiores aos alunos sem essas atividades. Estes autores suportam a ideia de que a participação em atividades extracurriculares, traz benefícios nos resultados escolares dos alunos.

Mas também não se verificam os resultados de Costa (2007) e Novais (2007), que encontraram uma relação negativa entre o rendimento escolar e a prática desportiva.

Os nossos resultados contrariam ainda os resultados de Peserico (2009), que no seu estudo mostrou que a prática desportiva trazia alguma influência, positiva ou negativa, para o desempenho escolar dos alunos.

No entanto, os nossos resultados vêm de encontro com os resultados apresentados por Shumaker & Wood (1986), Marsh (1992) e Viacelli (2002), que também não encontraram qualquer efeito das atividades desportivas extracurriculares ao nível dos resultados e das classificações escolares.

De uma dada forma, vem de encontro com Oliveira, Medeiros, Fernandez & Maldonado (2010), que mostraram que a atividade física não afeta negativamente o rendimento escolar. Os nossos resultados mostram que a prática extracurricular não é uma variável discriminatória quanto ao rendimento académico, nem afeta positivamente nem negativamente.

Encontrámos o mesmo resultado quando analisámos o carácter federativo dessas atividades: também não existem diferenças estatísticas entre os praticantes federados e os praticantes não federados nos seus resultados escolares.

Zenha, Gomes & Resende (2009) no estudo que fizeram com atletas de competição, verificaram que a prática desportiva não influenciava negativamente os seus estudos; resultados idênticos encontrados por nós. O facto de não haver diferenças nos dois grupos dos nossos alunos significa que os resultados dos atletas federados não são melhores nem piores dos atletas não federados.

No que respeita à segunda hipótese, o nosso estudo mostrou que não existem diferenças significativas nos resultados escolares dos alunos com ADECS, quando distinguimos por género. Logo a hipótese 2 também é rejeitada.

Estes resultados não vêm de encontro ao estudo da Eurydice (Europeia, 2011) que mostra que as diferenças de género continuam a existir nos resultados escolares e que são as raparigas aquelas que obtêm melhores resultados.

Os dados salientados no nosso estudo, mostram que, em geral, os rapazes têm um aproveitamento escolar inferior ao das raparigas mas esta diferença é muito reduzida e não tem significado estatístico.

Quando analisamos os resultados escolares dos alunos da escola sem atividades desportivas extracurriculares, também verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas (apesar de existir também uma pequena superioridade na média das avaliações dos alunos do género feminino). Se verificássemos como Saavedra (2001), o rendimento das várias disciplinas talvez encontrássemos diferenças entre os géneros mas o nosso estudo contempla todas as disciplinas e aqui não há diferenças entre o género masculino e feminino nos resultados escolares.

Os nossos resultados levam-nos a rejeitar também a hipótese 3. Quanto a estas variáveis verificamos que o rendimento escolar destes alunos não se relaciona de forma alguma com o tempo dedicado ao treino, quer quando consideramos o tempo de treino diário quer quando consideramos o tempo de treino semanal. O que nos leva a considerar que esta hipótese não se verificou.

A preocupação dos pais de que o tempo dedicado ao treino prejudica os seus filhos nos estudos, ou seja a ideia de que quanto mais tempo treinam piores resultados terão na escola, nestes alunos não se verifica.

Estes resultados não vêm de encontro com os resultados encontrados por Costa (2007) que verificou que o tempo que os alunos dedicavam à prática desportiva surgia correlacionado negativamente com os resultados ou seja, quanto mais tempo dedicavam ao treino piores resultados escolares obtinham. Também Oliveira, Medeiros & Maldonado (2010), verificaram que os alunos encontraram dificuldades em conciliar a prática desportiva como os estudos e aconselham uma melhor organização de tempo para que a carga horária de treino não atrapalhe os estudos.

Mas os nossos resultados são apoiado por Viacelli (2002) que, a partir dos resultados obtidos no seu estudo, percebeu que a maioria dos alunos considerava que as atividades desportivas não influenciavam em sua vida escolar, desde que eles soubessem dividir o tempo entre as tarefas desportivas e escolares.

Como Zenha, Resende & Garcia (2007), focam no seu estudo, um bom rendimento escolar depende de uma boa gestão e organização do tempo e uns bons métodos de estudo.

Quisemos verificar se o tipo de curso frequentado pelos alunos seria uma variável que distinguia, a prática das atividades desportivas extracurriculares. Assim, colocámos a quarta hipótese e verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos dos cursos de Ciências e Tecnologias e os cursos de Línguas e Humanidades.

Hipótese 4 igualmente rejeitada. O tipo de curso frequentado pelos alunos desta escola é um fator que não distingue os alunos praticantes ou não praticantes de ADECS.

Colocámos esta hipótese por verificar que o número de alunos do género feminino é muito maior do que do género masculino, nos cursos de Línguas e Humanidades e isso poderia ter influência já que a participação desportiva é maior no género masculino do que no género feminino (Marivoet, 2003; Loureiro, 2011; Salles-Costa, Werneck, Lopes, 2003; Almeida, 2007; Matos, Carvalhosa & Diniz, 2002; Mota & Sallis, 2002; Vasconcelos & Maia, 2001; Telama e Yang, 2000). No entanto, para esta amostra não se verificou este pressuposto.

Encontrámos diferenças significativas no género e o tipo de curso frequentado (há muito mais raparigas no curso de Línguas e Humanidades) mas entre a prática de ADECS e o tipo de curso, as diferenças encontradas não são significativas.

No que diz respeito ao tempo de estudo utilizado pelos diferentes grupos (alunos com e sem atividades desportivas extracurriculares) concluímos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de alunos.

Hipótese 5 rejeitada. Nem quando analisámos o tempo de estudo diário, nem quando analisámos o tempo de estudo semanal, encontrámos diferenças significativas entre os alunos com e sem ADECS. Portanto, o tempo despendido pelos alunos com o estudo é semelhante quer quando se analisa o grupo de alunos que tem ADECS quer quando se analisa o grupo de alunos sem ADECS.

Confrontando com a literatura encontrada, verifica-se que o tempo médio de estudo encontrado nos nossos resultados é semelhantes aos encontrados por Zenha, Resende & Garcia (2009): os alunos com ADECS estudam uma hora ou menos por dia.

Pensávamos encontrar diferenças entre os grupos, partindo do pressuposto que os alunos que treinam fora do horário letivo, teriam menos tempo disponível para estudar. Aos

alunos que, antes e/ou depois das aulas, utilizam o seu tempo na prática desportiva sobra-lhes menos tempo em cada dia para estudar, pois para além do tempo de treino há ainda que incluir o tempo de deslocação de casa ou escola para o local de treino e depois para casa (Zenha, Resende & Garcia, 2009). Talvez estes alunos tenham menos tempo de sono, variável que não foi por nós estudada mas que os autores atrás referenciados consideram nos seus estudos, ou talvez não haja um maior aproveitamento do tempo por parte dos alunos que não treinam nenhuma atividade desportiva. Coloca-se ainda como hipótese este segundo grupo de alunos (sem ADECS) ter outra atividade extracurricular (música, artes ou outra, que também não foi por nós estudada) e que lhes possa ocupar o tempo.

Rejeitamos igualmente a hipótese 6. Não existe nenhuma relação estatística entre o tempo de treino e o tempo de estudo. Nem quando se considera tempo diário ou semanal. Quando se considera o grupo de alunos com ADECS, verifica-se que não existe relação entre o tempo despendido com os estudos e com o treino.

Seria de se esperar que quanto mais os jovens treinavam menos tempo de estudo teriam, mas esta relação não se verificou. Esta preocupação revela-se uma constante questão dos pais dos alunos: como os seus filhos desportistas organizam e utilizam o tempo livre para estudar.

Estes nossos resultados contradizem Pesarico (2009) que refere que os atletas focalizam-se no desporto e prejudicam o seu rendimento escolar.

No entanto, vêm de encontro com Zenha, Gomes & Resende (2009), que consideram os bons resultados escolares dos alunos-atletas devido à boa gestão do seu tempo e consideram ainda, que a prática desportiva não influencia negativamente os seus estudos.

Verificámos que o tempo que os alunos dedicam ao estudo não difere quando comparados os dois grupos. Também aqui não houve diferenças significativas. A preocupação de que os alunos que treinam prejudicam o tempo que dedicam aos estudos não se mostrou relevante. O que nos faz crer que o tempo despendido com a prática dessas atividades não prejudica o tempo de estudo.

O tempo médio de treino semanal da nossa amostra quando comparado com os valores médios dos estudos de Guerra (2004) e de Costa (2007), são mais elevados. Em termos médios, os alunos do nosso estudo treinam mais horas por semana.

Em relação ao tempo semanal de estudo, verifica-se que aos valores da nossa amostra são inferiores aos de Costa (2007). Os alunos do nosso estudo estudam menos e treinam mais por semana quando comparados com estes autores. No entanto, estes valores não têm relação entre si, o facto de treinarem mais não significa que por isso estudem menos.

No que diz respeito ao grau académico dos progenitores, fomos verificar se esta variável implicava um melhor rendimento escolar dos alunos desta escola e uma maior participação nas ADECS.

Os nossos resultados mostram que não existem diferenças estatísticas entre o grau académico do pai mas existem diferenças estatísticas entre o grau académico das mães e a prática de ADECS. Os alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares têm mães com um grau académico mais elevado.

Os resultados de Mascarenhas, Almeida & Barca (2005), Santos (2004), Marques (2010) e Cunha (2008), mostram que filhos com progenitores com habilitações mais altas eram mais ativos.

Nestes estudos, o grau académico de ambos os progenitores tem influência na prática desportiva dos filhos e no nosso apenas o da mãe tem apresenta diferenças estatísticas entre os dois grupos.

Também Mota & Sallis (2002), referem que o nível de instrução dos progenitores manifesta-se num aumento de participação nas atividades desportivas.

Marques (2010), mostra ainda no seu estudo, que os alunos com mães com habilitações mais elevadas tinham filhos mais ativos. O que vem de encontro com os nossos resultados.

O grau académico dos pais dos nossos alunos não se distingue entre os dois grupos estudados (com e sem ADECS), mas o grau académico das mães, que como vimos é superior ao dos pais, já apresenta diferenças significativas entre os alunos com e sem ADECS. Ora, estes resultados vêm de encontro com a literatura encontrada visto as mães da nossa amostra terem graus de escolaridade mais elevados do que os pais. Os alunos que praticam ADECS têm mães com maiores habilitações.

Tentámos verificar se o grau académico dos progenitores tinha alguma influência nos resultados escolares dos alunos que têm atividades desportivas extracurriculares – hipótese 8.

Verificámos que existem relações entre o grau académico do pai e não existem relações com o grau académico da mãe dos alunos com ADECS, e o rendimento escolar dos seus filhos.

No que diz respeito aos pais, os nossos resultados vêm de encontro com os de Saavedra (2001), que verificou que alunos cujos progenitores têm licenciatura são melhores alunos do que os alunos cujos progenitores têm escolaridade mais baixa.

Segundo o estudo de Mascarenhas, Almeida & Barca (2005), verifica-se que a atribuição dos fracos resultados escolares é mais frequente nos alunos cujos pais possuem baixas habilitações académicas. A atribuição dos bons resultados escolares é mais frequente junto dos alunos cujos progenitores possuem níveis mais elevados de escolaridade. No nosso caso, os alunos que praticam ADECS tem melhores resultados escolares quanto maiores habilitações têm os pais, não havendo relação com as mães.

Os nossos resultados também não corroboram Benavente & Correia (1980), que verificaram existir uma relação entre o rendimento escolar dos alunos e as habilitações da mãe.

No entanto, quando se analisam os resultados destas relações com os alunos sem ADECS, verifica-se que existem relações com significado estatístico e que vêm de encontro com a literatura encontrada que aponta para quanto maior é o grau académico dos progenitores melhores são os resultados dos filhos.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

Neste capítulo serão apresentadas as conclusões finais do estudo de forma explícita e sintética. Procuramos mostrar as conclusões gerais de uma forma clara e de rápida consulta.

Este trabalho teve como principal objetivo verificar se existiam relações entre o desempenho escolar e as atividades desportivas extracurriculares nos alunos da escola secundária Manuel Teixeira Gomes.

O trabalho incidiu principalmente em 3 aspetos: participação nas atividades desportivas extracurriculares, tipo de curso que os alunos frequentavam e o grau académico dos pais, relativamente à média obtida no 2º período letivo.

Como conclusão geral podemos dizer que não encontramos diferenças significativas entre os alunos que têm prática desportiva extracurricular e os alunos que não têm, nem em relação aos resultados escolares, nem em relação ao tipo de curso frequentado, nem em relação ao género. Apenas verificámos que existem diferenças estatísticas quando analisamos o grau académico dos progenitores separadamente.

Sumariamente podem destacar as seguintes conclusões deste estudo:

- A prática de atividades desportivas extracurriculares não se revelou uma variável discriminatória relativamente ao rendimento escolar dos alunos.
- O género não se revelou uma variável discriminatória relativamente à prática de atividades desportivas extracurriculares.
- O tipo de curso frequentado pelos alunos também não se revelou uma variável discriminatória relativamente à prática de atividades desportivas extracurriculares.
- Não existem diferenças significativas no tempo de estudo utilizado pelos alunos com e sem atividades desportivas extracurriculares.
- Não existem relações estatísticas entre o tempo de estudo e o tempo de treino dos alunos com atividades desportivas extracurriculares.

- Não existem relações estatísticas entre o tempo de treino dos alunos e o seu rendimento escolar.
- Existem diferenças significativas entre o tempo de treino semanal e o género.
- Existem relações estatísticas entre rendimento escolar e o grau académico do pai dos alunos com ADECS. O mesmo não acontece no que se refere à mãe.
- Não existem diferenças significativas entre o grau académico do pai e a prática de ADECS.
- Existem diferenças significativas entre o grau académico das mães e a prática de ADECS.

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

Limitações

Ao longo da realização deste trabalho foram-nos surgindo algumas limitações. Assim, pelo facto de termos realizado a pesquisa num único estabelecimento de ensino constitui um fator de limitação do nosso estudo. Entendemos que existe a necessidade de novos estudos abrangendo diferentes estabelecimentos de ensino.

A utilização das pautas do segundo período também nos parece um fator de limitação pois se tivéssemos tido tempo para utilizar as pautas de final de ano, o estudo teria contemplado a época competitiva de todas as modalidades e até ao final da época e os resultados escolares finais resultantes de todo o trabalho do ano letivo.

Sugestões

Um trabalho com estas características permite recolher uma série de dados relevantes que possibilitam identificar variáveis que podem influenciar as perceções dos pais e dos alunos sobre a prática de atividades desportivas fora do horário escolar e o sucesso escolar.

Para futuros estudos, podemos sugerir uma análise ao tipo de atividade desenvolvida, à existência ou não de estatuto de alta competição, à intensidade dessas atividades, o tipo de alimentação e horas de sono dos alunos. Muito interessante seria fazer um estudo longitudinal onde se poderia analisar o percurso do sucesso ou insucesso dos resultados escolares dos alunos, a partir do momento que iniciam a prática destas atividades.

Seria interessante analisar estes dados, tendo em conta meios urbanos e rurais e investigar se esta condição tem influência nos resultados. Também pensamos que seria relevante analisar estes dados, mas comparando as escolas privadas versus as escolas públicas.

O fenómeno do sucesso escolar em alunos com tempo de atividade desportiva extracurricular, necessita de ter elementos comparativos com outros estudos, de forma que continuem a permitir estabelecer relações e respostas cada vez mais efetivas para podermos equacionar o problema e encontrar soluções que queremos cada vez mais eficazes, concretas e de rápida atuação.

A pertinência deste tema é crucial para se continuar a investir no desenvolvimento de novas políticas educativas e desportivas, novas formas de intervenção, para que seja possível arranjar ferramentas para que o sucesso escolar alcance níveis elevados nas nossas escolas.

Finalmente acreditamos que importa apenas realçar que acreditamos que a tónica das políticas educativas no que respeita à prática de atividades desportivas extra curriculares nas escolas e fora delas, deverá sempre ter em conta a necessidade de investir na sensibilização dos profissionais e dos encarregados de educação que lidam com estes alunos para a importância das mesmas.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, L., & Nogueira, C. (2002). Investimento extracurricular e seu impacto diferencial na adaptação e rendimento académico em alunos do ensino superior. (U. d. Minho, Ed.) *Revista Galego-portuguesa de psicoloxía e Educacion* , Nº 6 (Vol. 8) Ano 6º.
- Almeida, M. (2007). *A influência de algumas variáveis psicossociais e ambientais na actividade física em adolescentes. Tese de mestrado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Benavente, A., & Correia, P. (1980). Obstáculos ao sucesso na escola primária. *Lisboa: Instituto de estudos para o desenvolvimento – caderno 3*.
- Bento, M. F., & Pereira, P. (1999). *A Participação em Actividades Desportivas e o Rendimento Escolar*. (V. c. portuguesa, Ed.) Obtido de <http://cev.org.br/eventos/vii-congresso-educacao-fisica-ciencias-desporto-dos-paises-lingua-portuguesa/>
- Blomfield, C., & Barber, B. (2010). Australian Adolescents' Extracurricular Activity Participation and Positive Development: Is the Relationship Mediated by Peer Attributes? *Australian Journal of Educational & Developmental Psychology* . , 10, pp. 108-122.
- Castelli, D. M., Hillman, C., Buck, S., & Erwin, H. (2007). Physical Fitness and Academic Achievement in Third- and Fifth-Grade Students. (U. o. Urbana-Champaign, Ed.) *Journal of Sport & Exercise Psychology* , 29, pp. 239-252.
- Cleland, V., Vennu, A., Freyer, J., Dwyer, T., & Blizzard, L. d. (2005). Parental exercise is associated with Australian children's extracurricular sports participation and cardiorespiratory fitness: A cross-sectional study. (B.-m. Central, Ed.) *International journal of behavioural nutrition and physical activity* , 2:3, pp. 1-9.
- Colley, Eglinton, & Elliot. (1992). *Research for the real world: recognising family influence*. Loughborough University.

- Costa, A. F. (2007). *Prática Desportiva e Rendimento Académico-Um Estudo com Alunos do Ensino Secundário* –, *Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Costa, L. M. (2008). *Motivação para a participação e abandono desportivo de jovens em idade escolar. Tese de Doutoramento*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Cunha, P. M. (2008). *A influência da escolaridade dos pais/encarregados de educação na prática desportiva dos seus filhos/educandos. Tese de Mestrado*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Educação, G. d. (2010). *Diferenças de género nos resultados escolares: estudo sobre as medidas tomadas e a situação actual na Europa*. Eurydice.
- Educação, M. d. (2001). Decreto-lei nº 7. Revisão Curricular do Ensino Secundário.
- Educação, M. d. (2007). Lei de Bases do Sistema Educativo. GAVE
- Educação, M. d. (2009). Programa do Desporto escolar 2009-2013. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Estrêbio, M. B. (2010). *As Actividades de Enriquecimento Curricular no Currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico- Tese de Mestrado na Especialidade de Educação e Desenvolvimento*. (D. d. Aplicadas, Ed.) Monte da Caparica: Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências e Tecnologias.
- Europeia, C. (2010). *Diferenças de género nos resultados escolares-estudo sobre as medidas tomadas e a situação actual na Europa*. Eurydice.
- Freire, J. A. (2010). *Desporto escolar-Uma possível estratégia no combate ao insucesso escolar. Estudo caso. Dissertação de Mestrado*.UTAD. Vila Real.

- Gerber, S. (1996). Extracurricular activities and academic achievement. *Journal of Research & Development in Education* , 30 (1), pp. 42-50.
- Guerra, M. M. (2004). *Estilo de vida dos adolescentes. Tese de mestrado.* (U. d. Porto, Ed.) Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário.* Lisboa: Edições Sílabo,lda.
- Leal, A. M. (2009). *La influencia de la motivación y de los otros significativos en el estilo de vida saludable de los adolescentes portugueses: su relación con la composición corporal y la capacidad cardiorrespiratoria. Tese de Doutoramento.* (U. D. Extremadura, Ed.) Facultad de Ciencias del Deporte de Cáceres.
- Ledent, M., Cloes, M., Telama, R., Almond, L., Diniz, J., & Piéron, M. (1997). Participation des jeunes européens aux activités physiques et sportives. *ADEPS* , 159-160, pp. 61-71.
- Loureiro, N. E. (2011). *A prática da atividade desportiva e a atividade física dos adolescentes Portugueses (género, ambiente e lazer). Tese de Doutoramento.* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Marivoet, S. (2003). Assimetrias na participação desportiva: os casos de Portugal e Espanha no contexto europeu. *Movimento* , vol 9 nº2, pp. 53-70.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa.* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística - Com utilização do SPSS* (1ª edição ed.). Lisboa: Edições Sílabo, lda.
- Marques, A. P. (2010). *A escola, a educação física e a promoção de estilos de vida ativa e saudável- estudo caso. Tese de Mestrado.* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

- Marsh, H. (1992). Extracurricular activities: Beneficial extension of the traditional curriculum or subversion of academic goals? *Journal of Educational Psychology* , 84 (4), pp. 553-562.
- Mascarenhas, S., Almeida, L., & Barca, A. (2005). Atribuições causais e rendimento escolar : impacto das habilitações escolares dos pais. *Revista Portuguesa de Educação-Universidade do Minho* .
- Matias, N. F. (2011). *A influência das atividades extracurriculares junto à proficiência*. Belo Horizonte, Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.
- Matos, M., Carvalhosa, S., & Diniz, J. A. (2002). Factores associados à prática da actividade física nos adolescentes portugueses. *Análise Psicológica* , 1, pp. 57-66.
- Mello, M. H., Quintela, H., & Mello, J. (2004). Avaliação de Desempenho de Alunos Considerando Classificações Obtidas e Opiniões dos Docentes. *Investigação Operacional* , 24, pp. 187-196.
- Mota, J., & Sallis, J. F. (2002). *Actividade Física e Saúde. Factores de Influência da actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes*. Porto: Campo das Letras.
- Nóbrega, S. (2010). *Percepções dos professores em relação ao sucesso escolar. O contributo do Desporto e da Psicologia na elaboração de estratégias de promoção e de intervenção na educação*. Funchal: Universidade da Madeira.
- Novais, V. (2007). *Atividade Física e sucesso escolar. Estudo com crianças e adolescentes institucionalizadas e não institucionalizadas*. Dissertação de Licenciatura em Desporto e Educação Física na área de recreação e tempos livres. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Oliveira, E. V., De Medeiros, S. G., Fernandez, O. V., & Maldonado, L. (Maio de 2010). Esportes e escola na educação de jovens: conciliação ou antagonismo? *revista digital. efedeportes.com* , 15 (144) . Buenos Aires, Argentina: efedeportes.com.
- Peixoto, F. J. (2003). *Auto-estima, autoconceito e Dinâmicas relacionais em contexto escolar. Tese de Mestrado*. Universidade do Minho.
- Peres, C. M., Andrade, A., & Garcia, S. (2007). Atividades Extracurriculares: Multiplicidade e Diferenciação Necessárias ao Currículo. *Revista brasileira de Educação Médica* , 31 (2) , pp. 147-155.
- Peserico, C. (2009). *Relação esporte-desempenho escolar: visão de estudantes atletas e professores de uma escola particular de Maringá*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais- a complementariedade do SPSS* (2ª edição). Lisboa: Edições Sílabo, lda.
- Portimão, C. M. (2008). Hábitos desportivos do Concelho de Portimão- relatório preliminar. Portimão, Portugal.
- Primo, J., & Mateus, D. (2008). *Normas para elaboração e apresentação de teses de Doutoramento (aplicáveis às dissertações de Mestrado)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Rocha, C., & Silva, S. (2007). Raparigas e rapazes no ensino superior em Portugal no final dos anos 90. *Educação, Sociedade e Culturas* , nº25, pp. 169-182.
- Saavedra, L. (2001). Sucesso/ Insucesso escolar-A importância do nível sócio económico e de género. (U. d. Minho, Ed.) *Psicologia* , XV (1), pp. 67-92.
- Salles-Costa, R., Heilborn, M. L., Werneck, G. L., Faerstein, E., & . Lopes, C. S. (2003). Género e prática de atividade física de lazer. *Caderno Saúde Pública* , 19 (sup 2), pp. 5325-5333.

- Santos, M. (2004). *Actividade Física em Adolescentes. Estudo da Influência da Posição Sócio-Económica, Comportamentos Sedentários e Características do Ambiente. Tese de Doutoramento*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Santos, M., Gomes, H., Ribeiro, J., & Mota, J. (2005). Variação sazonal na actividade física e nas práticas de lazer de adolescentes portugueses. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* , 5(2), pp. 192-201.
- Shumaker, J., & Wood, J. (1986). Self concept, academic achievement and athletic participation. *Perceptual and Motor Skills* , 62, pp. 387-390.
- Simão, R. I. (2005). *Relação entre atividades extra-curriculares e o desempenho académico, motivação, auto-conceito e auto-estima dos alunos*. Lisboa: Instituto de psicologia Aplicada.
- Sobral, F. (1996). *Consequências psicológicas do desporto escolar: uma óptica exterior à psicologia*. Braga S.H.O. Manual de Psicologia do Desporto.
- Teixeira, C., & Flores, M. A. (2010). Experiencias escolares de alunos do ensino secundário: resultados de um estudo em curso. *Educ. Soc., Campinas* , 31, nº 10, pp. 113-133.
- Telama, R., & Yang. (2000). Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. *Medicine and Science in Sports and Exercise* , 32, nº9, pp. 1617-1622.
- Vasconcelos, M. A., & Maia, J. (2001). Actividade física de crianças e jovens – haverá um declínio? Estudo transversal em indivíduos dos dois sexos dos 10 aos 19 anos de idade. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 1, nº 3 pp. 44-52.
- Viacelli, S. (2002). Desporto e rendimento escolar. *efdeportes.com* , 55(8) . Buenos Aires, Argentina. Obtido em 27 de Janeiro de 2012, de www.efdeportes.com/ef5despor.htm

Zenha, V., Gomes, R., & Resende, R. (2009). Desporto de alto rendimento e Sucesso escolar: análise e estudo de fatores influentes no seu êxito. *Congresso Internacional de Deportes de Equipo, 2, Coruña, Espanha, 2009 : actas*". Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento.

APÊNDICES

APÊNDICE I- Questionário aos alunos

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS (cód_____)

Este questionário destina-se a realizar um estudo sobre os hábitos de prática de atividade desportiva, dos jovens adolescentes. Tem sido preenchido por milhares de jovens que, como tu, estudam noutros países europeus.

Pedimos-te que respondas a estas questões. Haverá confidencialidade em relação às tuas respostas.

Nenhuma resposta é boa ou má, o que interessa é que respondas com sinceridade.

Obrigada por preencheres este questionário e por participares nesta investigação.

Por favor responde às questões marcando uma cruz ou escrevendo a resposta no espaço adequado.

1. Ano de Escolaridade: 10º ☐ 11º ☐ 12º ☐ Nº ____ turma _____

2. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ 3. idade: _____ anos

4. Localidade de residência _____

5. Grau Académico Pai- 1º ciclo ☐ 2º e 3º ciclo ☐ secundário ☐ Ensino Superior ☐

Mãe- 1º ciclo ☐ 2º e 3º ciclo ☐ secundário ☐ Ensino Superior ☐

6. Tens disciplinas em atraso de anos anteriores? sim ☐ não ☐

7. Praticas, atualmente, atividades desportivas extracurriculares? sim ☐ não ☐

8. Se sim, indica se és: federado ☐ não federado ☐

9. a) Praticas alguma atividade física/desportiva num clube ou coletividade fora da Escola, sob a orientação de um professor, treinador, monitor, instrutor, etc?

- | | |
|---------------------------|--------------------------|
| 1. Nunca | ☐ |
| 2. Uma vez por semana | ☐ |
| 3. 2 a 3 vezes por semana | ☐ |
| 4. 4 a 6 vezes por semana | ☐ |
| 5. Todos os dias | ☐ |

b) Se praticas alguma atividade indica qual é, ou quais são essas catividades.

10. a) Participas em algum grupo/equipa do Desporto Escolar?

1. Sim ☐ modalidade:_____ 2. Não ☐

b) Se sim, quantas vezes treinas por semana?

- | | |
|--------------------------------|--------------------------|
| 1. Menos de uma vez por semana | |
| 2. Uma vez por semana | ☐ |
| 3. 2 vezes por semana | ☐ |
| 4. 3 vezes por semana | ☐ |
| 5. 4 vezes por semana | ☐ |
| 6. 5 vezes por semana | ☐ |

11. Se praticas regularmente atividades desportivas, quanto tempo dedicas por treino à prática dessas atividades (no clube ou no desporto escolar)?

1. Menos de 1 hora ☐
2. Aproximadamente 1 hora ☐
3. Aproximadamente 2 horas ☐
4. Aproximadamente 3 horas ☐
5. Aproximadamente 4 horas ☐
6. Aproximadamente 5 horas ☐
7. Aproximadamente 6 horas ☐
8. 7 horas ou mais ☐

12. Se praticas regularmente atividades desportivas, quanto tempo dedicas por semana à prática dessas atividades (no clube ou no desporto escolar)?

1. Menos de 1 hora ☐
2. Aproximadamente 1 hora ☐
3. Aproximadamente 2 horas ☐
4. Aproximadamente 3 horas ☐
5. Aproximadamente 4 horas ☐
6. Aproximadamente 5 horas ☐
7. Aproximadamente 6 horas ☐
8. 7 horas ou mais ☐

13. Por dia, quanto tempo dedicas ao estudo (fora das aulas)?

1. Menos de 1 hora ☐
2. Aproximadamente 1 hora ☐
3. Aproximadamente 2 horas ☐
4. Aproximadamente 3 horas ☐
5. 4 horas ou mais horas ☐

14. Por semana, quanto tempo dedicas ao estudo (fora das aulas)?

- | | | |
|----|-----------------|--------------------------|
| 1. | Menos de 1 hora | ☐ |
| 2. | Aproximadamente | ☐ |
| 3. | Aproximadamente | ☐ |
| 4. | Aproximadamente | ☐ |
| 5. | Aproximadamente | ☐ |
| 6. | Aproximadamente | ☐ |
| 7. | Aproximadamente | ☐ |
| 8. | 7 horas ou mais | ☐ |

15. Local onde habitualmente estudas?

Casa ☐ Explicação ☐ Escola ☐ Clube ☐ Outro ☐

Obrigada pela tua colaboração.

APÊNDICE II- Autorização da Direção da escola para aplicação do questionário

Para: Diretor da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes

De: Isabel Cristina Zurrapa Frade, aluna de mestrado da Universidade Lusófona / Faculdade de Educação Física e Desporto

Data: 10 de Abril de 2012

Assunto: Pedido de autorização para estudo

Isabel Frade, professora do Quadro da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, a frequentar o Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, na Universidade Lusófona.

Pretendo realizar um trabalho de investigação utilizando uma amostra da população de alunos que se encontra na Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, dos Cursos Científico Humanísticos. Este trabalho de investigação tem como objetivo geral comparar o desempenho escolar dos alunos que praticam atividades desportivas extracurriculares com o desempenho dos alunos sem atividades desportivas extracurriculares. O estudo está dentro de uma linha de investigação denominada atividade física na promoção de estilos de vida ativa e saudável na comunidade educativa.

Venho, por este meio, solicitar a V. Exa. autorização para a aplicação de um questionário, junto dos alunos dos 10º, 11º e 12º anos.

Desde já informo que a confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos serão asseguradas pelo anonimato dos alunos.

Grata pela vossa colaboração e certa que esta solicitação merecerá, por parte de vossa Exa, toda a atenção, os melhores cumprimentos.

A investigadora

Autorizo/Não autorizo:
O Diretor da ESMTG

(Telmo Soares)

APÊNDICE III- Autorização aos encarregados de educação



Exm^a Sr(a) Encarregado(a) de Educação

Assunto: Pedido de autorização para estudo

Isabel Frade, professora do Quadro da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, a frequentar o Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, na Universidade Lusófona.

Pretendo realizar um trabalho de investigação utilizando uma amostra da população de alunos que se encontra na Escola Secundária de Manuel Teixeira Gomes, dos Cursos Científico Humanísticos. Este trabalho de investigação tem como objetivo geral comparar o desempenho escolar dos alunos com atividades desportivas extracurriculares com os alunos sem atividades desportivas extracurriculares. O estudo está dentro de uma linha de investigação denominada atividade física na promoção de estilos de vida ativa e saudável na comunidade educativa.

Venho por este meio solicitar a V. Exa. autorização para a aplicação de um instrumento de estudo (questionário), junto do seu educando.

Desde de já informo que a confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos será assegurada pelo anonimato da identificação dos alunos.

Grata pela vossa colaboração e certa que esta solicitação merecerá por parte de vossa Exa. toda a atenção, os nossos melhores cumprimentos.

AProfessora

Eu, encarregado(a) de educação de _____, nº _____, do _____ ano, da turma _____, autorizo que o meu educando responda ao questionário supracitado, no âmbito do estudo que visa comparar o desempenho académico dos alunos com atividades desportivas extracurriculares com os alunos sem atividades desportivas extracurriculares.

A/O encarregado de educação.

ANEXOS

ANEXO I-Quadro das correlações dos alunos com ADECS

ANEXO I – Análise correlacional dos alunos com ADECS

			Resultados escolares	tempo_estudo_semanal	ano_escolaridade	grau_academico_pai	grau_academico_mae	tempo_treino_diário	tempo_treino_semanal	tempo_estudo_diário
Spearman's rho	Resultados escolares	Correl Coef	1,000	,268**	,236**	,309**	,136	,012	,141	,063
		Sig. (2-tailed)	.	,001	,004	,000	,101	,885	,085	,441
		N	150	149	150	148	146	150	150	150
	tempo_estudo_semanal	Correl Coef	,268**	1,000	,014	,011	,023	-,054	,047	,565**
		Sig. (2-tailed)	,001	.	,863	,899	,784	,514	,567	,000
		N	149	149	149	147	145	149	149	149
	ano_escolaridade	Correl Coef	,236**	,014	1,000	,087	,113	-,127	-,159	,035
		Sig. (2-tailed)	,004	,863	.	,294	,174	,121	,052	,668
		N	150	149	150	148	146	150	150	150
	grau_academico_pai	Correl Coef	,309**	,011	,087	1,000	,535**	,007	-,017	,094
		Sig. (2-tailed)	,000	,899	,294	.	,000	,935	,836	,258
		N	148	147	148	148	146	148	148	148
	grau_academico_mae	Correl Coef	,136	,023	,113	,535**	1,000	,077	,054	,123
		Sig. (2-tailed)	,101	,784	,174	,000	.	,356	,517	,138
		N	146	145	146	146	146	146	146	146
	tempo_treino_diário	Correl Coef	,012	-,054	-,127	,007	,077	1,000	,508**	-,106
		Sig. (2-tailed)	,885	,514	,121	,935	,356	.	,000	,196
		N	150	149	150	148	146	150	150	150
	tempo_treino_semanal	Correl Coef	,141	,047	-,159	-,017	,054	,508**	1,000	-,165*

o_semanal	Sig. (2-tailed)	,085	,567	,052	,836	,517	,000	.	,044
N		150	149	150	148	146	150	150	150
tempo_estu	Correl Coef	,063	,565**	,035	,094	,123	-,106	-,165*	1,000
do_diário	Sig. (2-tailed)	,441	,000	,668	,258	,138	,196	,044	.
N		150	149	150	148	146	150	150	150

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

ANEXO II-Quadro das correlações dos alunos sem ADECS

ANEXO II – Análise correlacional dos alunos sem ADECS

			Resultad	tempo_e		grau_aca	grau_acad	tempo_	tempo_
			os	studo_se	ano_escol	demico_	emico_ma	treino_	estudo
			escolares	manal	aridade	pai	e	diário	_diário
Spearman's rho	Resultados escolares	Correl Coef	1,000	,103	,351**	,149*	,145*	.	,775
		Sig. (2-tailed)	.	,158	,000	,044	,048	.	,225
		N	190	190	190	183	186	1	4
	tempo_estudo_semanal	Correl Coef	,103	1,000	,109	,122	,090	.	,775
		Sig. (2-tailed)	,158	.	,134	,100	,224	.	,225
		N	190	190	190	183	186	1	4
	ano_escolaridade	Correl Coef	,351**	,109	1,000	,072	,014	.	,333
		Sig. (2-tailed)	,000	,134	.	,332	,847	.	,667
		N	190	190	190	183	186	1	4
	grau_academico_pai	Correl Coef	,149*	,122	,072	1,000	,530**	.	,272
		Sig. (2-tailed)	,044	,100	,332	.	,000	.	,728
		N	183	183	183	183	182	1	4
	grau_academico_mae	Correl Coef	,145*	,090	,014	,530**	1,000	.	,577
		Sig. (2-tailed)	,048	,224	,847	,000	.	.	,423
		N	186	186	186	182	186	1	4
	tempo_estudo_diário	Correl Coef	-,018	,567**	-,018	,068	-,074	.	,333
		Sig. (2-tailed)	,806	,000	,806	,364	,317	.	,667
		N	190	190	190	183	186	1	4

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).